

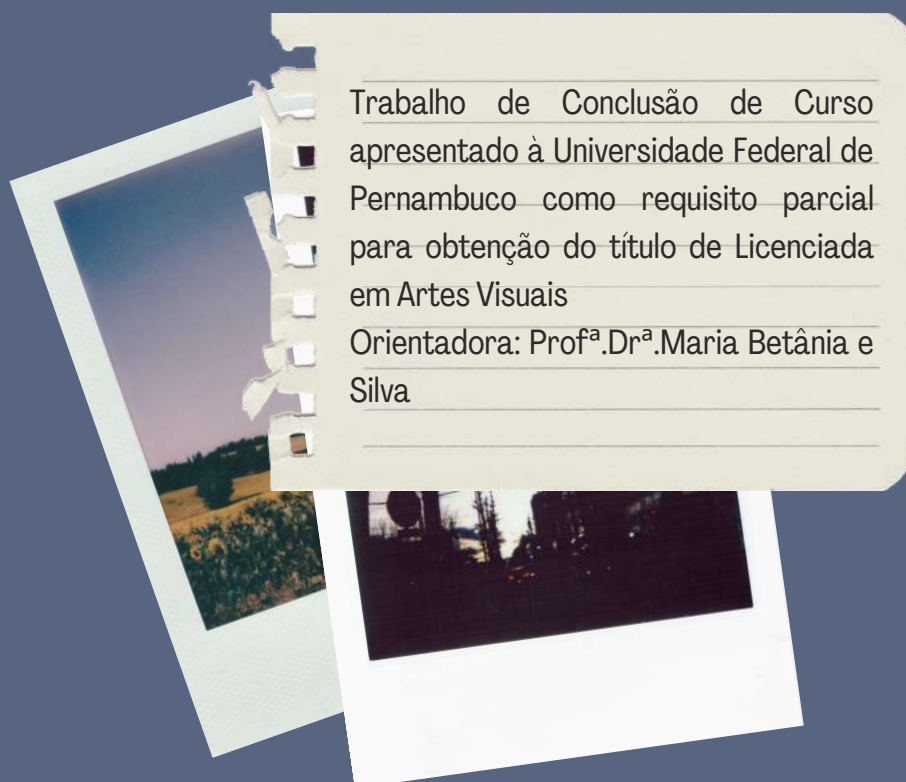
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

**AS VÁRIAS VEZES QUE ME PINTEI POR AÍ:
UMA ANÁLISE SOBRE AUTORRETRATO**

Beatriz Costa da Silva Silvestre

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

**AS VÁRIAS VEZES QUE ME PINTEI POR AÍ:
UMA ANÁLISE SOBRE AUTORRETRATO**



Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Pernambuco como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada
em Artes Visuais

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Maria Betânia e
Silva

Beatriz Costa da Silva Silvestre
Recife, 2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silvestre, Beatriz Costa da Silva .

As várias vezes que me pinteí por aí: uma análise sobre autorretrato /
Beatriz Costa da Silva Silvestre. - Recife, 2022.
56 : il.

Orientador(a): Maria Betânia e Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2022.

1. Autorretrato. 2. Processo de criação. 3. Artes Visuais. 4. Memória. I. Silva,
Maria Betânia e. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

**AS VÁRIAS VEZES QUE ME PINTEI POR AÍ:
UMA ANÁLISE SOBRE AUTORRETRATO**

Comissão Examinadora

Profa.Dra.Maria Betânia e Silva (orientadora)

Profa.Dra.Fabiana Souto Lima Vidal (UFPE)

Profa.Dra. Ana Elisabete Gouveia (UFPE)

Recife, 2022

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar os autorretratos realizados por mim, ao longo dos anos de 2016 a 2021, com o intuito de tecer uma reflexão sobre processo criativo e memória. Na primeira parte, debati as mudanças do autorretrato ao longo da história da arte, com atenção especial ao final do século XIX e início do século XX. Em um segundo momento discuto sobre o que define o autorretrato, o que envolve seu processo criativo, e também de como a memória influencia em sua produção. Para a finalização desta pesquisa retomei os autorretratos realizados entre 2016 e 2021, e a partir deles foi feita uma análise, pensando principalmente sobre o processo artístico e criativo envolvido em cada um deles.

Palavras-chave

Autorretrato, processo de criação, Artes Visuais, memória

Summary

This work aims to present and analyze the self-portraits made by me, over the years from 2016 to 2021, in order to weave a reflection on the creative process and memory. In the first part, I discuss the changes in the self-portrait throughout the history of art, with special attention to the late 19th and early 20th centuries. And in a second moment, I discuss what defines the self-portrait, what involves its creative process, and also how memory influences its production. To complete this research, I present self-portraits made between 2016 and 2021, and based on them an analysis was made, thinking mainly about the artistic and creative process involved in each of them.

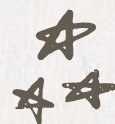
Keywords

Self-portrait, creation process, Visual Arts, memory



Sumário

Introdução.....	7
1. Autorretrato e seu contexto histórico.....	9
1.1. Um breve olhar sobre a Europa	11
2. Quando me percebi estampada em diversas superfícies.....	14
2.1. Lembranças, e tudo que fiz a partir delas.....	19
3. Autorretratos que fiz, e o que vim pensar deles.....	20
3.1. 2016.....	22
3.2. 2017.....	27
3.3. 2018.....	32
3.4. 2019.....	37
3.5. 2020.....	42
3.6. 2021.....	47
4. Conclusão.....	53
5. Referências.....	55



“Quase todos os pintores, num momento ou noutro, ainda que sentindo o quão inconsequente, desnecessário ou mesmo nefasto podia ser falarem de pintura (sua ou de outros), sentiram a necessidade de falar das suas obras e das motivações ou intenções que guiaram a sua criação. Todos nos deixam a sensação de existir um hiato entre aquilo que revelaram e a obra de que falaram. O próprio pintor o sente. E podemos perguntar-nos: não teria sido melhor ter ficado calado?” (JACINTO, 2013, p. 67)

Introdução



Fui uma criança criativa, sempre gostei de desenhar apesar de não ter nenhum talento diferenciado dos demais. Gostava de diferentes superfícies, mesas, paredes... E para a infelicidade da minha mãe risquei várias com caneta esferográfica. Com o início da pré-adolescência me desliguei um pouco do desenho, até mudar de escola, ao conviver com novas pessoas o interesse voltou, especificamente depois de conhecer uma colega de classe que aos meus olhos desenhava incrivelmente bem; a partir desse momento minha meta se tornou desenhar tão bem quanto ela.

O tempo foi passando, essa colega saiu da escola, mas eu não havia desistido, eu iria aprender a desenhar. Minhas referências mudaram, aprendi técnicas diversas, usei diferentes materiais, e enfim fui melhorando. Até esse momento era um hobby que me distraía durante as aulas que eu considerava chatas. Tudo mudou quando passei a ter aulas de arte no ensino médio, e com apoio da professora, passei a me interessar pelo assunto, queria aprender sobre os artistas e seus movimentos artísticos. Assim, finalmente entendi a importância da semana de arte de 22, assunto que estudei em diversos momentos da minha vida escolar, e quando enfim conheci Van Gogh, decretei que queria ser artista.

Com esse novo propósito em mente, passei a praticar com ainda mais seriedade. Com o auxílio dessa mesma professora de artes, descobri que existia a graduação em Artes Visuais: o mundo parecia ter feito sentido, era essa a minha “vocação”, ou foi isso que afirmei – e acreditei – naquele momento, estando completamente alheia ao longo processo de aprendizagem que estava por vir. Simultaneamente, comecei a entender quem eu era, passei por brigas, discussões e descobertas, sentia uma grande angústia e a minha válvula de escape foi a arte. Tudo aquilo que sentia e não conseguia colocar em palavras, eu transformava em imagens, até que desenhar se tornou tão natural para o meu corpo quanto respirar. Aquilo fazia parte intrínseca de mim. Foi aproximadamente neste período de auto descoberta que fiz meus primeiros autorretratos. Com eles, senti um alívio imenso. Era tão fácil fazer aquilo que minha mão parecia se mover sozinha. Tornei-me compulsiva. Tudo era sinônimo de desenho, alguns sentimentos já tinham formas definidas no meu imaginário e eu não deixava de desenhar um dia sequer.



Depois de uma vida inteira na escola, um intercâmbio e um ano de cursinho pré-vestibular, eu finalmente entrei na tão sonhada universidade.

E a princípio, eu odiei.



Depois do choque inicial, eu comecei a me adaptar e entender onde me encaixava. Comecei a entender minhas qualidades e o que poderia melhorar. Por sorte eu queria muito estar no local que estava, e usei isso como força motriz. Aproveitei-me da disciplina adquirida por mim com tanto custo ao longo da vida escolar, e decidi estudar. Eu seria boa, e seria na marra.

Nesse momento da vida acreditava piamente que sabia o caminho que minhas produções tomariam. No momento que parei para analisar minhas obras vi a quantidade enorme de autorretratos que tinha em mãos, por sempre os produzir quase que no automático, vários elementos se repetiam, mas que a princípio eram invisíveis a mim. Depois dessa descoberta passei um longo período analisando produções antigas, vendo o que eu buscava como referências, aquilo que me tocava, e acima de tudo, aquilo que se repetia. Após novas crises de ansiedade e uma síndrome do impostor que se alojou no meu peito, comecei a entender, novamente, o que me movia a produzir, pois eu tinha a ambição de fazer algo sensível, uma obra que ao ser observada, fizesse o espectador sentir alguma coisa, qualquer coisa. Apesar das ideias

ambiciosas, cada vez que desenhava, pintava ou riscava o papel, me sentia menor; nada parecia bom, mesmo com tanta insistência minha, afinal, tudo que eu sempre soube fazer foi transformar meus sentimentos em imagens.

Com muitas tentativas e técnicas diferentes, fui tentando amadurecer meu trabalho, até chegar na produção presente. E por mais que eu ainda erre, me frustrar e quase sempre não consiga fazer exatamente o que me proponho, acredito que alcancei maturidade o suficiente para ver o quanto eu mudei – e também, a minha produção.

Finalmente cheguei ao momento que acabei me perguntando, por que o autorretrato sempre me cativou tanto? Além de ser um mecanismo de defesa óbvio para mim, acredito que sempre tentei entender o seu apelo. Afinal, como e por que o autorretrato dialoga comigo dessa forma se é algo tão íntimo e aparentemente tão distante da minha realidade? Essa pesquisa traz, então, como questão principal entender como se deu a presença do autorretrato na minha produção artística entre os anos de 2016 e 2021.



Para trabalhar esses questionamentos, meu objetivo geral é investigar a presença do autorretrato durante esse período em minhas produções. E para atingi-lo tenho como objetivos específicos mapear a minha produção artística desde as primeiras “aparições” do autorretrato, aproximadamente no início de 2016, até o ano de 2021; selecionar as obras por meio de uma curadoria¹ – a atividade curatorial tem diversas camadas a serem pensadas, trabalhadas e discutidas, porém nesta pesquisa o termo esteve presente meramente para explicar a seleção feita por mim dentre os autorretratos produzidos no espaço de tempo determinado; e por fim, analisar e estudar essas produções, criando debates sobre o processo artístico e criativo.



Por esses motivos, esta pesquisa é uma análise contemporânea e interpessoal que busca relacionar autorretrato e memória, criando uma conversa entre processo criativo e poética, tornando possível o diálogo sobre o surgimento do “eu artista”; além de fomentar outras reflexões sobre o assunto proposto e contribuindo tanto com o processo de formação do sujeito, e com o processo criativo, a partir da relação entre autorretrato e memória.

Após determinar os objetivos desta pesquisa, optei por seguir a metodologia qualitativa cartográfica, pois esta pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador não se fazendo de modo estabelecido, nem por regras prontas. De acordo com Oliveira e Richter (2017)

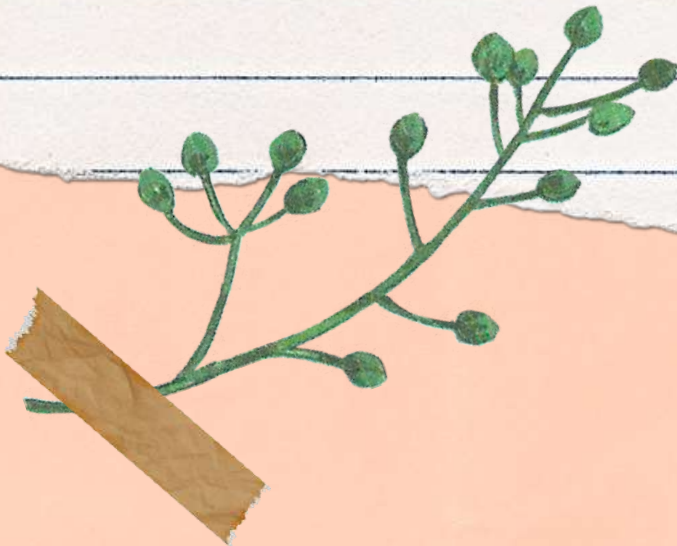
No método cartográfico, não buscamos um resultado, uma conclusão de fatos, e sim, pensamos o próprio processo de pesquisa, em si: suas etapas, seus desvios, seus “erros”, e tudo que dali puder vir a se tornar potência para a pesquisa. (OLIVEIRA e RICHTER, 2017, p. 30)

Ou seja, caracteriza-se por sua maior volatilidade e aptidão de adaptação ao processo da pesquisa conforme os efeitos do processo de pesquisar sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador e as descobertas que podem vir a surgir.



¹ Para maior aprofundamento sobre a questão da atividade curatorial, recomenda-se ler Mendonça Filho (2020).

Autorretrato e seu contexto histórico



ing to find hap
that you don't
we're compar
ple rather tha
lly going on i
the negative

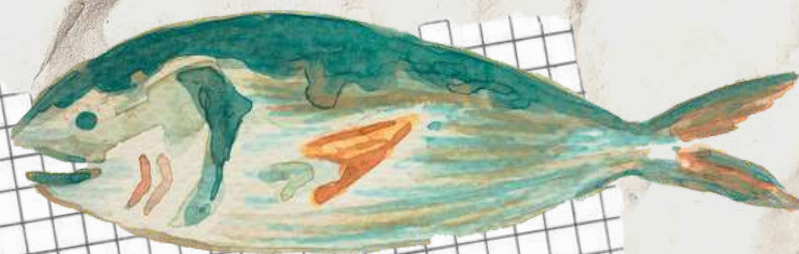
to know you
ng yourself
for you
go wi
ng behi
tion. Li

A autorrepresentação sempre esteve presente em toda história da humanidade. Desde a pré-história, o ser humano sente a necessidade de marcar a sua presença no mundo. Contudo, não precisamos ir tão longe na linha do tempo para estudar o tema. Neste capítulo teremos uma contextualização do que é autorretrato, passando por nomes como Van Gogh e Munch, fazendo uma breve reflexão sobre como este se alterou com o passar do tempo.

De acordo com o referencial eurocêntrico – que fora veiculado em solo brasileiro durante a colonização – a tradição do retrato existe desde a Antiguidade, porém tornou-se mais popular no século XV, período este que é marcado pelo Renascimento, e início da Idade Moderna. A partir deste período tornou-se comum entre a elite burguesa encomendar a artistas a produção de retrato, além da nobreza que já detinha esse hábito; e tal tradição perdurou até a popularização da fotografia. Contudo, por causa desse avanço tecnológico os artistas perceberam uma maior necessidade de se reinventar, e por esse motivo ocorreu no final do século XIX uma grande movimentação artística, modificando o rumo da história da arte ocidental.

O autorretrato, como o conhecemos, surgiu como uma derivação do retrato, – uma na qual, justamente o artista retrata a si mesmo. Inicialmente tal linguagem também seguia estritamente uma imagem análoga à do artista. Segundo Abreu (2011), o artista ao fazer um autorretrato reflete sobre si, na construção de sua imagem, tornando imperativa a auto-análise. Então, desde o Renascimento aos dias atuais inúmeros artistas pensando em autorretrato exploraram seus rostos.

No século XIX, com a popularização da fotografia, e a sua enorme adesão dentre a sociedade européia, a pintura acabou sendo escanteada quando o objetivo era meramente retratar algo ou alguém. Com isso os artistas começaram – e precisaram – mudar a maneira de se pensar arte. Como consequência da revolução industrial e grandes avanços tecnológicos, tanto no que se referia à fotografia quanto à produção das tintas, foi então possível libertar-se das amarras impostas pelas academia de arte, visto que não havia mais sentido em manter apenas uma pintura ‘naturalista’ idealizada. Essa maior liberdade artística teve como consequência o surgimento de novos movimentos artísticos – chamados de vanguardas. Por mais que estes movimentos tenham trazido um frescor para as artes, com novas iconografias, o autorretrato insistia em se repetir dentre cada uma delas, o que nos evidencia a universalidade, e particularidade do tema.



Um breve olhar sobre a Europa

Sabe-se que a arte nunca está isolada daquilo que acontece ao seu redor e do momento histórico em que esta é criada, afinal o ser humano é um animal social antes de qualquer coisa. Por este motivo pode-se afirmar que a arte é reflexo de seu tempo. Consequentemente os novos movimentos criados durante esse período histórico refletiam aquilo que estes viviam, o que naquele momento no território Europeu era a instabilidade. A inquietação desse período é decorrente de diversos aspectos em mudança e, assim, do conflito entre paradigmas já estabelecidos e essas novidades. Alguns desses aspectos que podem ser citados são o político, o econômico, o social, o filosófico e o artístico; percebe-se, dessa maneira, o caráter generalizado de mudanças que passam a ser visíveis principalmente após as revoluções que abrangem o continente europeu – e parte significativa de suas ex-colônias nas Américas – no ano de 1848, marcando com enorme turbulência a segunda metade do século XIX.

No campo artístico pode ser percebida essa inquietação da geração e a anunciação da modernidade que viria com o século XX. Cada vez menos os artistas se conformam com as reproduções, com as imposições e normas, com as regularidades e perfeições, e todas essas mudanças apresentam-se como o estopim para a busca pela liberdade no campo das artes. A pintura talvez tenha sido uma das primeiras a ganhar reconhecimento por seu brusco rompimento com o academicismo ainda no século XIX.

Durante esse período a humanidade também começou a vivenciar com ainda mais intensidade o individual: os artistas também buscavam cada vez mais o reconhecimento de si – buscavam serem únicos. Essa movimentação havia surgido desde o Iluminismo, porém com a ascensão do modelo econômico e social capitalista, se tornou ainda mais evidente essas necessidades de individualidade e propriedade privada.

Dentre os vários movimentos que poderiam ser citados, o Pós-Impressionismo não era de fato um movimento. Este surgiu muito tempo após a morte daqueles pintores considerados pós-impressionistas, decorrente de uma exposição organizada por Roger Fry (1866-1930). De acordo com Gompertz (2013), Fry procurou um denominador comum entre os quatro artistas expostos: Seurat, Van Gogh, Cézanne e Gauguin. Afinal, anteriormente os artistas Seurat e Van Gogh haviam sido denominados neo impressionistas; Cézanne já havia sido, de fato, impressionista; e Gauguin tivera aderido o movimento simbolista. Porém seus estilos pictóricos tinham se desenrolado de maneiras tão distintas que eles tinham cada vez menos em comum.

Mesmo reconhecendo que este movimento artístico não fora em momento algum “vivo”, não podemos negar a relevância do movimento “manufaturado”, nem dos artistas que nele foram atribuídos. Porém, ao voltarmos para o assunto autorretrato, foi neste momento que surgiu Vincent Van Gogh.



Vincent Van Gogh (1853-1890), era o mais velho de seis filhos, e só começou a pintar em 1880, por uma sugestão de seu irmão e constante correspondente, Theo. Van Gogh sentia seus sentimentos em uma intensidade particular e por uma possível doença mental, este acabava se prejudicando em trabalhos "tradicionais", já tendo trabalhado na empresa de arte de seu tio durante a juventude, fora professor para meninos metodistas e quase entrou para a Escola de Teologia de Amsterdã, porém se recusou a fazer o teste de latim.

Uma forte particularidade de Van Gogh era sua ambição como artista, este dizia que ao olharem seus quadros ele desejava que o dissessem "este homem sente profundamente", e assim o fez. Como consequência deste anseio, Van Gogh é frequentemente confundido por expressionista até por ter várias similaridades com tal movimento.

Sobre autorretrato, Van Gogh apresenta uma extensa produção, em muitos casos era por falta de dinheiro para pagar diferentes modelos; mas não pode-se negligenciar a sensibilidade dessas obras, de acordo com Maia (2018):



Em cada autorretrato ele confirmava a necessidade contínua de exploração de aspectos de seu ego, numa busca incessante da sua própria identidade. Sua tela era não apenas o espelho no qual se interrogava, mas também um laboratório, um terreno de experiências, no qual adotava técnicas em função dos sentimentos que vivenciava. Cada vez que Vincent tentava uma nova técnica, era no seu próprio rosto que o fazia. Seus autorretratos serviam-lhe para aperfeiçoar dados adquiridos ou experiências pessoais, principalmente em se tratando do olhar, na maior parte das vezes perdido no vazio e angustiado. (MAIA, 2018, p. 22)

Van Gogh apresenta uma pintura muito própria, com uma poética individual inconfundível. Suas distorções de cores e visão artística única nos mostra um artista e homem sensível marginalizado pela sociedade.



Autorretrato com a Orelha Cortada. 1889
Vincent Van Gogh, Óleo sobre Tela, 60x49cm

Acredito ser relevante para o entendimento deste trabalho falarmos sobre o Expressionismo, que teve grande força na Alemanha, e de acordo com Ferraz (2015) a influência do Impressionismo deu o tom ao movimento de libertação do Romantismo nas artes plásticas. Além de que as descobertas feitas pelos impressionistas sobre a luz e cor como forma de expressão, além da libertação da representação naturalista do tema tratado - rejeitando a verossimilhança - contando com movimentos gestuais mais livres para o artista trouxeram novos ares para o movimento artístico alemão. Juntamente com as referências pós-impressionistas de Gauguin e Van Gogh, foram as influências definitivas para aqueles que se aventuravam no novo movimento.

Como maior referência expressionista temos o pintor norueguês Edvard Munch (1863-1944), sendo muitas vezes lembrado por sua obra *O grito*. Munch viveu uma vida de muitos infortúnios, dentre eles a morte de sua mãe aos 5 anos de idade, e após alguns anos a irmã mais velha, Sophie, que adoeceu e pereceu devido à tuberculose. Nos anos seguintes ainda teve que enfrentar o falecimento do pai devido a um ataque cardíaco e vivenciar o internamento de sua outra irmã devido à esquizofrenia.

Todos esses acontecimentos acabaram por influenciar a extensão de sua obra, que refletia uma enorme angústia e solidão que sentia. De acordo com Bortolucce (2008) Munch utilizou seus conflitos interiores como matéria prima de sua arte, e incluiu a representação de si mesmo em muitas de suas pinturas. Um bom exemplo disto é a obra *Autorretrato com cigarro*, nesta produção pode-se perceber a construção da imagem de outsider, a figura principal nos olha iluminada pela parte inferior da pintura, e ainda assim o corpo desta figura se mistura com o fundo de maneira brusca, na qual apenas a mão e o rosto podem ser vistos de forma clara. O olhar se inclina de forma sutil para baixo, e mesmo que a presença do artista esteja aparentemente próxima, a nuvem de fumaça nos afasta da cena; além da postura defensiva, à possível entrada do espectador – nós – na cena.



Além de Van Gogh e Munch, poderia ter falado aqui de diversos outros artistas, como Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Frida Kahlo, Jenny Saville, entre outros. Porém estes que nos aprofundamos influenciaram de forma direta minha produção pessoal e percepção artística, e por isso nos detivemos neles uma maior atenção. Além disso, pode-se perceber que por mais que estes estivessem relativamente próximos na 'linha do tempo', já se diferem em inúmeras características. No capítulo seguinte levaremos essa discussão além, percorrendo sobre as definições e limites entre autorretrato e autorrepresentação.

Autorretrato com cigarro,
Edvard Munch, Óleo sobre tela
48 cm X 63 cm

Quando me percebi estampada em
diversas superfícies



"Agora que existem computadores para quase todo o tipo de procura de soluções intelectuais – volto-me então para o meu rico nada interior. E grito: eu sinto, eu sofro, eu me alegro, eu me comovo. Só o meu enigma me interessa. Mais que tudo, me busco no meu grande vazio."

Um sopro de vida, Clarice Lispector (2020, p. 48)

Em princípio não percebia minha produção como autorretrato, pois como não tinha conhecimento técnico de desenho, não era capaz de fazer uma representação fidedigna de mim. Por mais que fossem imagens muito próximas de mim, não encaixavam na descrição de autorretrato que tinha em mente, que era ainda muito engessada a uma noção de um desenho 'naturalista' do retratado. Com o tempo vim a entender que não era isso que definia e delimitava a linguagem.

Diferentes pesquisadores tratam desse assunto, como Canton (2002, p. 22), quando nos diz que "O autorretrato é a afirmação do artista em sua condição única de criador de sua própria imagem."

A partir dessa afirmação pode-se perceber que atualmente a definição e ideia de autorretrato é muito mais ampla do que um dia já foi.

A consequência imediata para a minha produção artística é que uma parte significativa dela, desde 2016, poderia ser entendida como uma extensa série de autorretratos.

O autorretrato ganhou uma nova amplitude a partir dos movimentos artísticos modernos; e por isso, de acordo com Hall (2005), pode-se dizer que o autorretrato não se configura apenas como uma representação de si, mas também como uma forma de representação da própria identidade. É possível perceber como esta linguagem artística aparece, atualmente, com o intuito de reafirmar o indivíduo. Também sendo uma forma mais 'simples' de expressão – afinal, o que nos é mais familiar do que nós mesmos?

Partindo desse questionamento e da realização do que poderia ser um autorretrato – ou no mínimo, uma autorrepresentação – desenvolvi numa produção extensa, e em muitos momentos até mesmo compulsiva. Como primeiras referências no tema, tive Van Gogh e Munch, que conheci em sala de aula, durante o próprio Ensino Médio. As distorções na anatomia, as cores intensas e a forte expressividade de ambos os artistas se destacaram para mim dentre os demais: eu queria ser capaz de reproduzir, sozinha, o sentimento que tinha ao olhar para aquelas obras – e foi até cômico, que as minhas maiores referências artísticas naquele momento, tinham certo 'problema' com a compulsividade no momento da produção.

Depois fui conhecendo novos artistas, e sempre me chamava a atenção as diversas maneiras de se representar.

Outro nome que acabou me marcando muito naquele momento foi Anita Malfatti. Especialmente porque teve como provação enfrentar as duras críticas feitas por Monteiro Lobato à sua exposição em 1917. Recordo-me de me apiedar por ela, e por tanto temer a rejeição, me ver refletida em sua imagem em diversos momentos de insegurança.

Esses artistas serviram de norte para meus trabalhos iniciais, na escolha de cores, e também na petulância de ignorar a necessidade de um estudo sobre os fundamentos do desenho. A partir disso, passei a explorar todas as possibilidades de autorrepresentação que conseguia conceber, porém, naturalmente fui me voltando para o retrato, pois a face sempre me fora mais fascinante. Dessa forma, quando Abreu (2011) afirma que o artista ao fazer um autorretrato reflete sobre si, na construção de sua imagem, torna-se imperativa a auto-análise, tudo pareceu corroborar com minha produção.

À distância posso perceber que durante um longo período de tempo eu reproduzia uma imagem idealizada de mim mesma, já que, vistos de hoje aqueles desenhos dificilmente refletem meus traços e expressões. Contudo essa ‘idealização’ não estava sempre trabalhando em favor de um embelezamento estético, pois em diversos momentos enfatizava ‘defeitos’ em favor de um sentimento ou sensação – o que também era consequência de uma imagem pessoal distorcida, que dificultava o entendimento das minhas feições. Abreu também fala sobre isso quando diz:

Através do autorretrato o artista se apresenta, se exterioriza, ele se diz presente no seu mundo, que pode ou não, dependendo de sua poética, coincidir ou ter relação com o mundo real e concreto. O artista materializa a sua identidade no autorretrato, revela o que imagina ser, o que deseja e pretende ser. Portanto, a autorrepresentação envolve tomar decisões sobre como quer ser visto, cabe aqui a pergunta: quanto existe de invenção nesse processo de elaboração de si? (ABREU, 2011, p. 1)

“Quanto existe de invenção nesse processo de elaboração de si?”

A partir dessa indagação, vi-me revisitando essas imagens que havia feito há tanto tempo. E por mais que eu tenha mudado e amadurecido ao longo desses seis anos, poucos daqueles sentimentos realmente me deixaram. Estes autorretratos tornaram-se um diário visual de minhas inseguranças, medos e até mesmo dos traumas que carrego. Essas imagens carregam consigo memórias e uma reafirmação accidental do eu, bem explicado por Ramos (2013):

Vimos como é possível o retrato afirmar, pela forma como se derrama na continuidade da vida, a individualidade do homem. Por conseguinte, temos que aceitar a ideia de que o retrato pode deixar transparecer a visibilidade do passado na imagem presente do homem. (RAMOS, 2013, p. 5)

Com isso, Ramos nos traz de volta para a fala de Hall (2005) no qual afirma que o autorretrato, na atualidade, é antes de tudo uma reafirmação do artista como indivíduo, ele abre margem para um novo entendimento do que pode ser um autorretrato. Afinal, quando este ‘leque’ é expandido para além de uma representação de si, pois ao se referir à identidade, nos coloca além da imagem semelhante ao artista.

Foi mais ou menos nesse momento de entendimento do meu processo criativo que pesquisei e estudei sobre o trabalho de Frida Kahlo. Conhecia a persona, sabia que pintava e, provavelmente, já havia me questionado a razão da monocelha, porém não conhecia a *artista* Frida Kahlo. Quando vi a extensão de sua produção e no momento que vi seu rosto repetidas vezes em seus quadros, me senti vista. Kahlo afirmou que pintava a si mesma porque era sozinha e porque era o assunto que melhor conhecia; nesse momento Frida não só se afirma artista, como também se declara tema a ser trabalhado.

Foi nesse período de inúmeros aprendizados e de grande interesse no assunto que tive consciência de que existe um processo criativo. Por mais que a criatividade seja uma habilidade, como qualquer outra, por muito tempo acreditei que era um dom, algo que nasce com você, e que eu – particularmente – não carregava isso dentro de mim. Porém, fui percebendo um padrão dentre meus “picos de criatividade” – o que, na verdade, expunha que eu tinha uma rotina criativa. O processo criativo é um procedimento individual, que opera entre consciente e inconsciente, Jung (2011) diz que:

O processo criativo consiste (até onde nos é dado segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo, a formação da imagem primordial é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado. (JUNG, 2011, p. 83)

Para tornar brevemente compreensível todo o meu processo criativo, desde a ideia primordial até a obra finalizada é preciso entender o primeiro passo. Como mencionado anteriormente, o autorretrato é uma maneira de se autoanalisar, e foi com essa intenção que eu comecei – mesmo que inconscientemente – a produzir autorretratos. Por um gatilho externo, que não me recordo qual, resgatei memórias há muito guardadas, nas quais colocaram em perspectiva as poucas certezas que tinha de mim; ao ocupar o lugar de vítima, encontrei-me encurralada, no qual, o único caminho à minha frente era um lápis e um papel. Retomei as referências artísticas que já admirava, e busquei exatamente o que admirava nelas; era a capacidade de cada uma de ‘exorcizar seus demônios’ por meio da arte, e decidi tentar. Em relação a essa colocação, Ostrower afirma que:

Os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição. [...] toda experiência possível ao indivíduo, também a racional, trata-se de processos essencialmente intuitivos. As diversas opções e decisões que surgem no trabalho e determinam a configuração em vias de ser criada, não se reduzem a operações dirigidas pelo conhecimento consciente. Intuitivos, esses processos se tornam conscientes na medida em que são expressos, isto é, na medida em que lhes damos uma forma. Entretanto, mesmo que a sua elaboração permaneça em níveis subconscientes, os processos criativos teriam que referir-se à consciência dos homens, pois só assim poderiam ser indagados a respeito dos possíveis significados que existem no ato criador. Entende-se que a própria consciência nunca é algo acabado ou definitivo. Ela vai se formando no exercício de si mesma, num desenvolvimento dinâmico em que o homem, procurando sobreviver, e agindo, ao transformar a natureza se transforma também. O homem não somente percebe as transformações como sobretudo nelas se percebe. (OSTROWER, 1993, p. 10)

Corroborando com o que Ostrower diz, pode-se pensar nas inúmeras questões da pintura como o próprio objeto de estudo. Jacinto (2013, p. 49) levanta justamente essa discussão ao dizer que “a qualidade de um desenho, de uma pintura, depende em muito da quantidade e extensão de invisível que instauram”, ou seja, da mesma forma que Ostrower afirma que parte do processo criativo é inconsciente, Jacinto nos diz que a maior qualidade que a obra pode ter é aquilo que é invisível, e que por isso é também – consequentemente – inconsciente. Isto que dizer que: ao estarmos inseridos no processo criativo, irão existir coisas que fugirão do controle e consciente, e na obra finalizada, aquilo que não é – de fato – dito tende a transparecer, ainda que se mantenha nas entrelinhas.

A partir disso, podemos perceber a amplitude do termo ‘autorretrato’, e tudo aquilo que ele abrange. Além de ser uma produção que leva consigo muito da memória e vivências do artista. Com isso vi a necessidade da reflexão sobre a influência da memória no processo criativo.



Lembranças, e tudo que fiz a partir delas

Quais partes de mim eu estou disposta a mostrar? Qual é a imagem que eu quero usar para me representar? Quais são os meus limites entre privado e público?

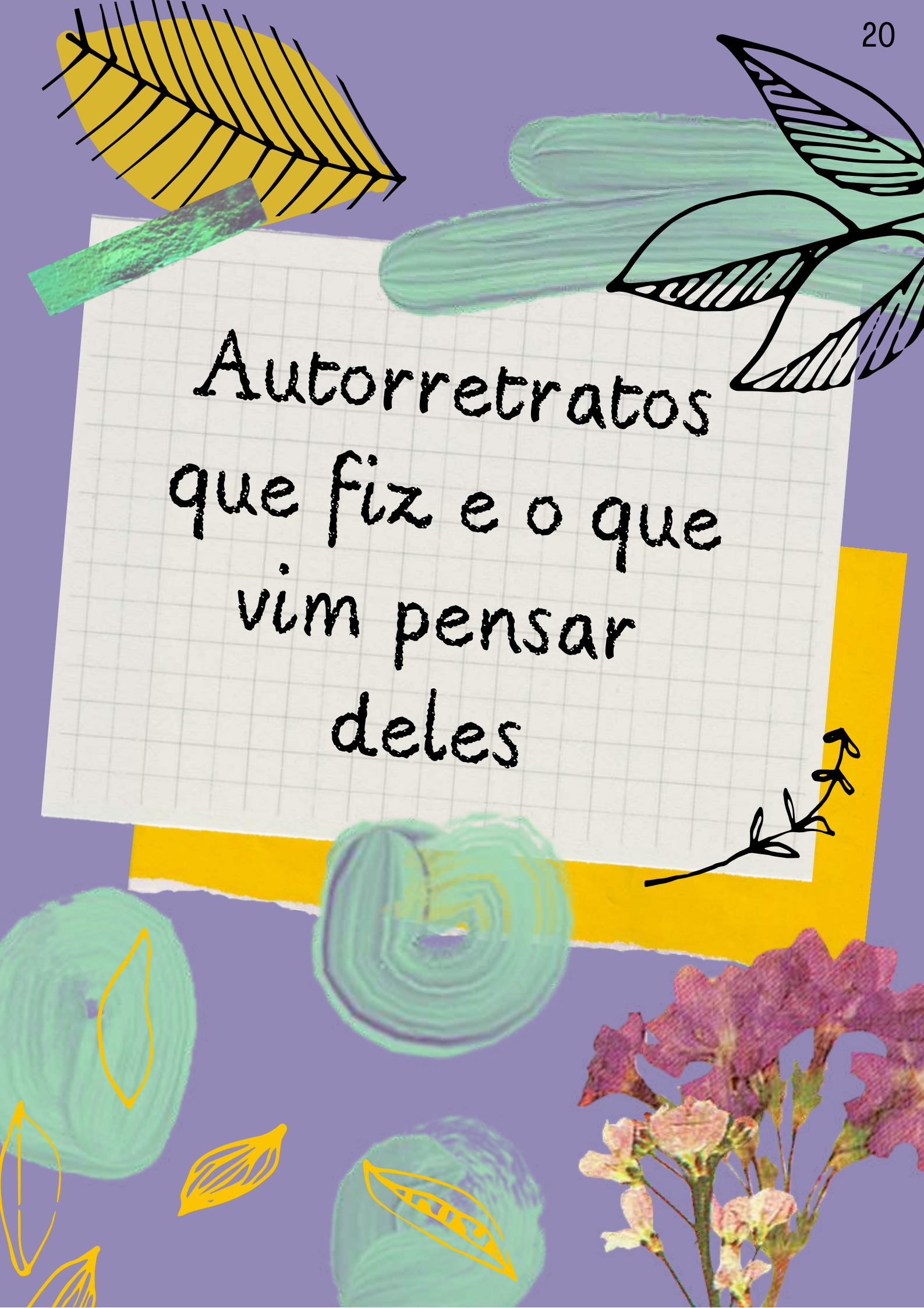
Esses foram questionamentos que surgiram ao longo dessa pesquisa, e também durante a produção dos autorretratos aqui apresentados. Afinal, mesmo que ao criá-las, eu nunca tenha posto um filtro nas obras e no imaginário que elas carregam, ao colocar em palavras sobre o que cada uma aborda, estas ganham uma nova dimensão e um novo comprometimento com o 'público'.

No momento que decidi desenhar - e posteriormente pintar - aquilo que me afligia, acabei expondo dentro do meu imaginário experiências - memórias - que não havia colocado sequer em palavras; na esperança de possivelmente ressignificá-las; por isso pude perceber que o imaginário das minhas produções sempre esteve centrado na memória, e na reflexão acerca disso. Segundo Gusdorf (1951 p.256, apud HERVOT, 2013, p. 104) a memória é “uma espécie de retrato do que somos, composto com as características do que éramos”. Partindo desse princípio, então, as memórias não representam acontecimentos que cruzaram nossa vida, mas também representam aquilo que somos, e o que já fomos.

Por conta disso, é necessário refletir sobre como a memória interfere direta, e indiretamente, nas produções artísticas. Canton (2000, p. 52) fala que “a memória corporal torna-se um bem valioso e incomensurável de riquezas afetivas que o artista desnuda e oferece ao espectador com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário”. Então a partir do momento que afirmamos que o processo criativo é em sua parte algo inconsciente, pode-se pensar sobre como nossas memórias o afetam.

Nesse sentido Jardim (2017) discorre que em diversos momentos aquilo que foi vivido precisa ser escavado para, então, revelar camadas mais profundas, assim dizendo que tem que ser processado para então ser transmutado, Jardim também comenta que ao expor obras que advêm de sua vida pessoal, aquilo que é privado se torna público. Entretanto, temos que levar em consideração que a obra tem o poder de transcender as delimitações da experiência do artista - do particular - e ser ressignificado pelo espectador.

A partir disso precisamos pensar sobre, como é a nossa relação com o particular vindo à público. Porque, por mais que eu, como artista, faça uma obra baseada na memória e atribua a esta um significado específico, o espectador pode ao observá-la ressignificar a obra a partir de suas próprias experiências. Precisa-se ‘desapegar’ o suficiente da produção, para permitir que esta faça o seu papel como obra. Mesmo assim, houve uma necessidade interna de parar e analisar os autorretratos produzidos até aqui, e é isso que iremos abordar no próximo capítulo.



Autorretratos
que fiz e o que
vim pensar
deles

A curadoria

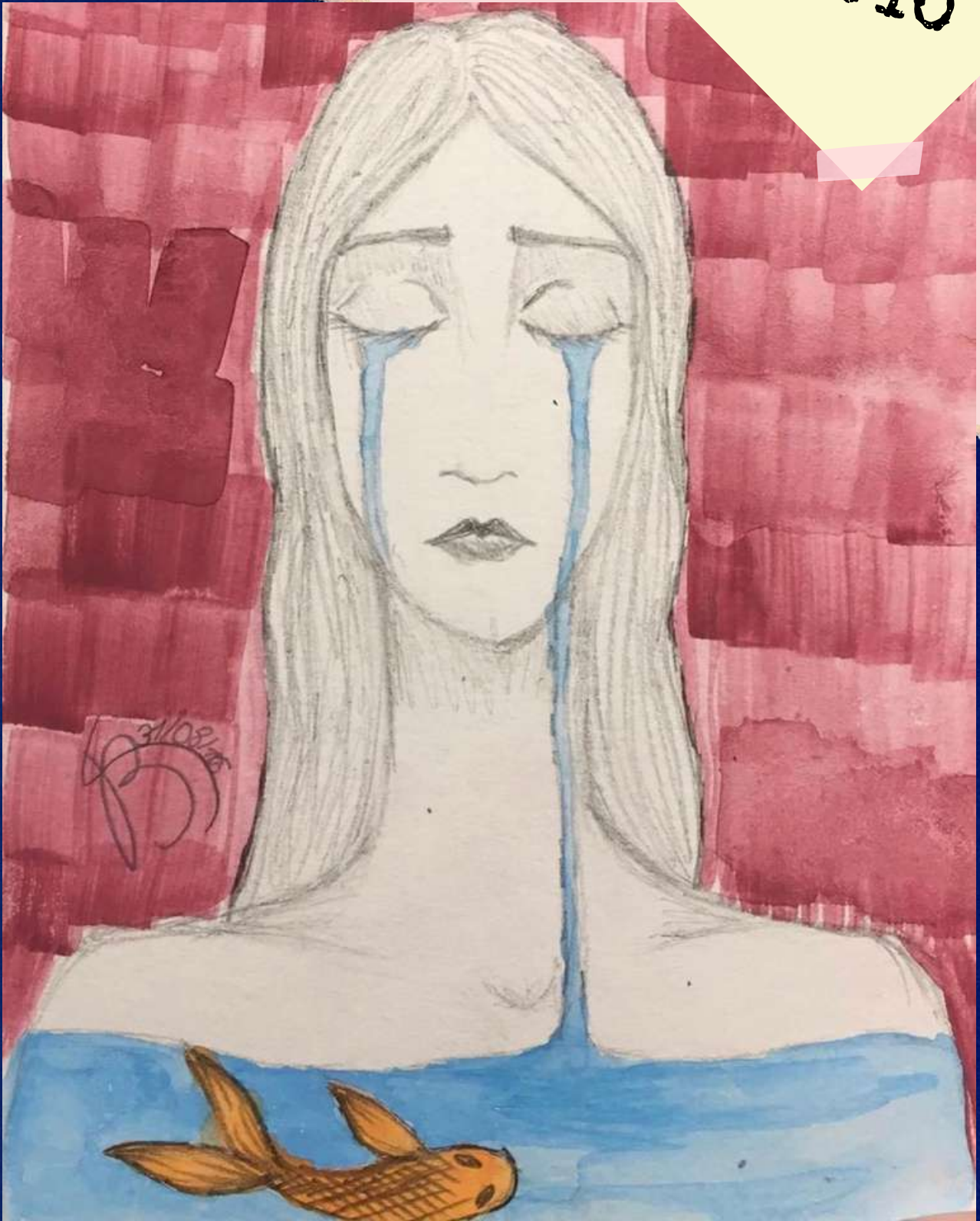
A partir das reflexões levantadas sobre autorretrato, processo criativo e memória, vi a necessidade de revisitar minhas produções; desde aquelas que iniciaram tudo, em 2016, até o final do ano de 2021. Por meio delas consegui delimitar um panorama dentro da série meus autorretratos, relativo às percepções de autoimagem e às vivências do período que foram produzidas.

Levando tudo isso em consideração, selecionei obras dentro do recorte temporal dos anos de 2016 a 2021; 2016 pois foi o começo de minha produção artística, mesmo que inicialmente longe da academia, além de fator determinante para o entendimento das obras atuais, até o final dessa pesquisa. Após esse primeiro passo surgiu a dúvida: como seria feita essa curadoria? Afinal, não havia condições de inserir todas as obras que tinha em mãos. Então, precisava selecionar quais obras ficariam, e o porquê.

Após certa reflexão cheguei à conclusão que era necessário definir um número total de imagens para serem apresentadas, e decidi então dividir o número de obras igualmente entre os anos, a fim de oferecer um insight de maneira equivalente por cada etapa do processo, sem criar uma hierarquia dentre as produções e seus processos. Consultei cadernos e pastas antigas que encontrei. Como primeira forma de eliminação, selecionava apenas aqueles trabalhos que poderiam ser considerados um autorretrato - por mais que alguns não tivesse realmente um rosto diretamente representado. Após esse primeiro momento as obras seguintes à serem eliminadas foram aquelas que eu não gostava do resultado, seja por algo que veio a dar errado, por estarem distante daquilo que havia idealizado inicialmente - tentando sempre respeitar as limitações técnicas do momento em que a obra fora realizada. Também não limitei o meio, independente do material, papel ou finalização, se a produção conseguisse representar de forma bem-sucedida a mensagem, esta seria selecionada.



2016



Durante o ano de 2016, a maioria das minhas produções eram relacionadas ao estresse vivido pela conclusão do Ensino Médio. A expectativa pela nota do Enem, além da incerteza do ano que se seguiria influenciou de forma direta naquilo que desenhava, afetando até mesmo a seleção da paleta de cores da maioria das obras, além das composições barulhentas que conversavam com o caos que se passava em minha própria cabeça no momento.

Além da escolha estética de trabalhar com as cores vermelho e preto, eu pensava na questão prática, pois sofria com o péssimo hábito de desenhar em classe, e por isso era mais fácil utilizar apenas duas cores de lápis de cor e marcadores, do que dispor de diversas cores. Recordo-me que na época tive a pretensão e ousadia de pensar que eu estava na minha fase “preto e vermelho”, do mesmo modo que Picasso teve sua fase azul.

Durante o ano tive inúmeras crises de ansiedade, e por um longo período de tempo tive absoluta certeza que seria assim a minha vida inteira. Desenhar era uma válvula de escape enorme, e isso refletia diretamente na minha produção. As texturas marcadas, as palavras, a repetição de cores; tudo isso refletia um descompasso interno.

Apesar dos inúmeros problemas enfrentados naquele momento, foi um período de descobertas, pois foi ali que consegui dar um primeiro passo para um possível encaminhamento no desenvolvimento de uma poética. E esses momentos tanto serviam como válvula de escape, como uma luz no fim do túnel, a partir desse período acreditei estar no caminho certo para num futuro distante me tornar “alguém”.



Imagem 1*Invisível*

18/07/2016

Acrílica sobre papel



Essa pintura surgiu durante algumas reflexões sobre o meu 'valor', a sensação que tive por muito tempo é a de que eu seria invisível aos olhos dos outros. Também foi minha primeira experiência com tinta acrílica, e acho que muito contribuiu para a construção da imagem, mesmo que as pinceladas marcadas nas figuras em ocre fossem incidentais, funcionam ao criar maior textura e contraste com a figura central. É possível vermos 'problemas' no trabalho – majoritariamente por falta de cuidado – e o que mais incomoda visualmente, é a sujeira na parte branca.



Esse desenho corresponde ao ápice da minha ansiedade; as palavras vinham em um turbilhão, me desorientando. Além de ter sido parte fundamental na ‘série’ que produzi na época em vermelho e preto. O fundo preto completamente chapado destaca as palavras, e o formato circular que elas seguem cria uma espiral, representativa da sensação de entrar em ‘espiral’, em que perde-se a consciência entre inúmeros pensamentos intrusivos.



Imagem 3
Abraço
05/12/2016
Caneta nanquim e
marcador sobre
papel

Esse desenho surgiu a partir de uma crise de ansiedade, no qual eu me sentia extremamente sufocada. Eu nunca decidi o que realmente era essa figura que está mais atrás, em alguns momentos era a personificação da minha ansiedade, em outros representava aquele que me agrediu durante a infância. Produzi uma quantidade significativa de pinturas e desenhos com essa figura, e ela constantemente mudava de 'significado', porém carreguei-a comigo por bastante tempo. Os fortes contrastes entre preto e vermelho tentavam representar o desespero daquele abraço indesejado – independente de quem fosse.

2017



2017 foi um período de mudanças, passei um trimestre morando na Nova Zelândia com o intuito de aprimorar minha proficiência em inglês, e por mais que tenha sido um período incrível com memórias e experiências que levarei para a vida toda, em diversos momentos eu me senti incrivelmente sozinha. Em decorrência do fuso horário de 16 horas, o contato com família, namorado e amigos era escasso, e em meio a inúmeras piadas de que eu “vivía” no futuro, eu precisei aprender a lidar com a minha própria companhia, coisa que nunca havia precisado fazer por tanto tempo. Além do amadurecimento óbvio que todos temos quando temos que “nos virar” em outro país, eu aprendi a conviver comigo.

Também foi o período em que recebi o primeiro ‘não’ na minha vida, quando não consegui passar em Artes Visuais pelo ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Por mais que sempre tenha sido desesperada e ansiosa, um pedaço de mim sempre acreditava que no final as coisas dariam certo, e nesse momento ao não ter funcionado exatamente como eu havia planejado me desestabilizou um pouco. Apesar de saber que poderia realizar essa prova quantas vezes eu quisesse, me estabeleceram o “limite” de que se eu não passasse em Artes naquele ano, eu teria que fazer Pedagogia, ou qualquer outro curso “de verdade” que eu conseguisse passar.

Como consequência, isso virou um fardo em minhas costas, eu sentia a necessidade de me provar como aluna, vestibulanda e artista. Eu precisava defender a minha permanência no curso que eu sequer havia entrado, e equilibrar todas as responsabilidades com a necessidade latente de produzir. Durante o ano me tolhi do hábito de desenhar em classe, e me dediquei aos estudos como jamais havia feito em minha vida, porém a cada momento de respiro, por menor e mais breve que fosse, eu estava debruçada sobre meu fiel caderno de desenho. Novamente cada momento de desespero e angústia acabava transposto para aquelas folhas, contudo, com a constante prática minhas técnicas foram se aprimorando, além de eu estar mais confortável e aberta com experimentações. Por mais que eu ainda explorasse com bastante frequência as figuras em preto e vermelho, eu estava extrapolando essas barreiras e tentando ir além.



Imagem 4
Me sentindo azul
26/07/2017
Caneta nanquim,
marcador e lápis de cor
sobre papel



A expressão “feeling blue” foi o que me inspirou para produzir esse desenho. Pela associação da cor azul com o sentimento de tristeza, comecei a explorar com mais frequência a cor e suas tonalidades, apesar de ainda não ter abandonado o vermelho. Nesse momento ainda tinha pouca noção de um desenho mais técnico, e trabalhava exclusivamente com os conhecimentos adquiridos empiricamente. Além de tudo, gostava de explorar diferentes texturas e como elas poderiam dialogar com a figura principal. Nesse momento também já estava conseguindo trazer figuras mais expressivas, mesmo que ainda tivesse um longo caminho a trilhar.

Imagem 5
Alguns sentimentos ruins
19/09/2017
Caneta hidrográfica,
marcador e lápis de cor
sobre papel



Novamente me encontrava trabalhando com fundos inteiramente pretos, com nenhuma profundidade, além de trazer as cores que já me eram conhecidas – azul e vermelho. Especificamente nesse desenho, é possível perceber uma leve mancha arroxada no braço do lado direito, representando o hábito que havia desenvolvido; me beliscava constantemente para tentar me concentrar naquilo que era real e não me perder nas crises de ansiedade, o que resultou em um hematoma roxo que perdurou por meses.

A figura estar completamente delineada de azul tinha a intenção de representar a tristeza – o quão deprimida eu me sentia – e o vermelho, era a ansiedade, por sempre ter sido uma cor particularmente inquietante para mim. Passei um tempo persistindo nessa paleta, e até hoje são cores recorrentes em meus trabalhos, mas neste momento ainda faltava maturidade na forma que eram trabalhadas. Há também uma breve tentativa de adicionar profundidade ao desenho, trabalhando com luz e sombra – na verdade, durante todo 2017, tentei adicionar certo realismo na figura que desenhava, porém com pouco sucesso.

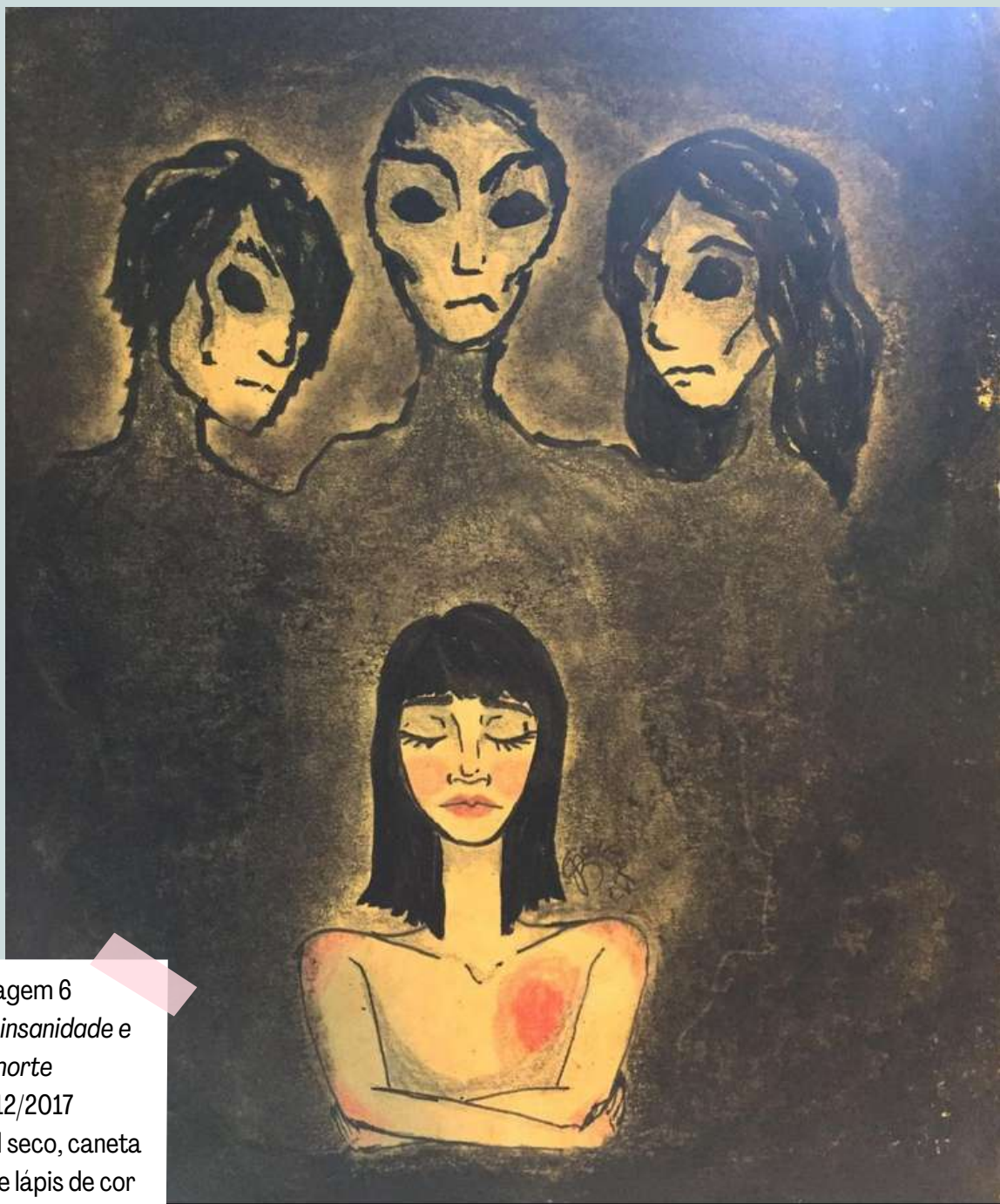


Imagem 6

*Doença, insanidade e
morte*

11/12/2017

Giz pastel seco, caneta
nanquim e lápis de cor
sobre papel

Doença, insanidade e morte surgiu ao ler a frase Munch que dizia “Disease, insanity and death were the dark angels that kept watch over my cradle, and since then they have followed me throughout my life”, para ser sincera, pouco sei sobre a veracidade de sua autoria, porém ela me marcou o suficiente para produzir algo pensando nisso. Trabalhei com giz pastel seco, e pouco me satisfez a bagunça que fiz, mas lembro de ter ficado orgulhosa do resultado. Naquele momento senti ter feito algo sobre um problema real, não as ‘besteiras’ que me afligiam, e por mais que tenha me inserido no desenho, não era apenas sobre mim.

Passei bastante tempo acreditando que não era arte os autorretratos que fazia. Por que por mais que me fizessem bem, pouco importava para aqueles que estavam os observando, e acreditava que seu valor estava ligado à sua ‘relevância’, e para quem importava aquilo que eu sentia?

2018



Depois de um longo período de aflição no que se referia ao futuro, eu finalmente tinha uma resposta concreta, eu iria cursar Artes Visuais!

UFPE - SISU - SISTEMA DE SELEÇÃO UNIFICADA				2018	PAG 30		
RELAÇÃO DOS CANDIDATOS CLASSIFICADOS POR ENTRADA - 1A. DISTRIBUIÇÃO					23/02/2018		
CURSO: ARTES VISUAIS				GRAU: LICENCIATURA	TURN: INTEGRAL	CAMPUS: RECIFE	1A. ENTRADA
INSC. ENEM	NOME DO CANDIDATO	IDENTIDADE		NOTA		MODALIDADE	SITUAÇÃO
171039626733	BEATRIZ COSTA DA SILVA SILVESTRE			688.32		A0	RECLASSIFICADO

Eu finalmente consegui!



2018 foi um ano que eu iniciei completamente animada, mal podia me conter em mim, e por conta disso, produzi menos. Por bastante tempo carreguei comigo o estigma do artista triste, genial e completamente desfalcado da sociedade em que vivia; e acredito que em muitos momentos me esforcei ativamente para ser um pouquinho assim. Por ter depositado inúmeras expectativas na faculdade, acabei me decepcionando quando não foi exatamente aquilo que idealizava, além de perceber que o que me ‘destacava’, e boa parte do meu senso de identidade, era característica comum dentre meus colegas de classe. O choque foi grande, mas por ter enfrentado muitos questionamentos de terceiros se artes realmente era o caminho, me senti obrigada a continuar.

Dentre inúmeras questões, o que mais me causava insegurança era a minha falta de conhecimento técnico; particularmente no momento de pôr em prática aquilo que tinha em mente, e muito me frustrava ao ter a impressão de que só eu estava passando por aquelas dificuldades. Por mais que eu já tivesse evoluído mundos inteiro desde meu ponto inicial, o sentimento que restava era que ainda estava muito longe de um padrão ‘aceitável’; o que não colaborou para este sentimento foi como se deu algumas disciplinas práticas cursadas.

Após esses primeiros embates internos, fui me adaptando, e as coisas melhoraram com o passar do ano, até que me ‘encontrei’ em pintura. Já brincava com aquarela, por mais que não tivesse nenhum conhecimento de como se usar o material ‘corretamente’, já tinha algum aprendizado empírico, o que acabou me auxiliando a entender o funcionamento da tinta mais rapidamente. Aos poucos fui me entendendo com o novo ambiente que era a universidade, e entendendo quem eu era além dele, e felizmente estava ficando cada vez mais feliz naquele ambiente.

Imagem 7
Sem título
13/03/2018
Lápis de cor,
marcador e caneta
nanquim sobre papel



O ano inteiro foi um grande ponto de virada no amadurecimento da minha produção, porém ainda era possível ver os vários elementos que se repetiam. A figura preta, as cores, o desenho ainda muito preso à linha, tudo era muito próximo àqueles desenhos iniciais. Contudo acredito ser perceptível uma nova mudança de perspectiva na abordagem de toda a ilustração, apesar de que novamente, não havia decidido o que a figura personificava.

Imagem 8

Toque

19/04/2018

Aquarela, marcador,
caneta nanquim e lápis
de cor sobre papel



A partir daqui é possível ver mudanças mais significativas entre o que foi produzido antes e depois de entrar na universidade; ganhei novas referências, aprendizados e fui muito inspirada por diversos colegas de classe. Desse momento em diante, tive coragem de experimentar dentro daquilo que me propunha a fazer. Ainda não havia conseguido me libertar totalmente da linha dentro da pintura, mas estava lentamente me direcionando para conseguir.

Pode-se perceber que a paleta de cores ainda é a mesma, porém trabalhada com um pouco mais de maturidade. Além de uma percepção um pouco melhor da anatomia do rosto, apesar dos erros presentes, e uma construção inicial para aquilo que podemos nomear de 'traço' do artista. As emoções ainda são pouco claras no rosto da figura, porém considerando o todo da imagem, podemos inferir a mensagem que tem a intenção de passar.



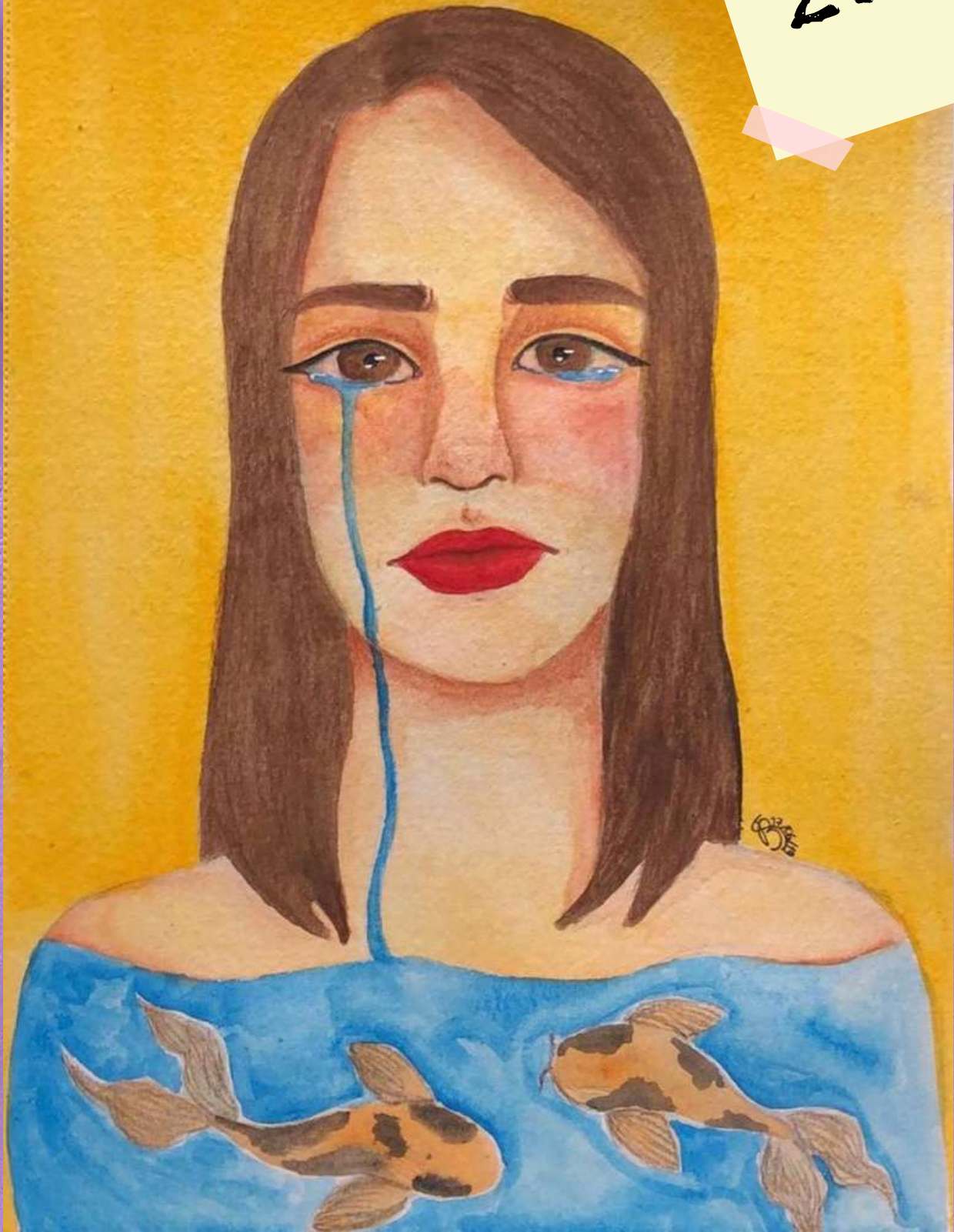
Imagem 9
Sem título
12/11/2018
Aquarela sobre papel

Essa foi uma das primeiras pinturas figurativas a fazer diretamente com aquarela. Lembro-me vividamente de ficar nervosa com a falta do controle, até aquele momento utilizava do artifício pintura, unicamente, como meio de colorir o desenho e não como linguagem artística propriamente. E seguia insistindo nos mesmos tons de azul e vermelho, extremamente saturados. Por mais que tenha sido um processo estressante, foi uma pintura que o resultado me satisfez, pois ao observá-la finalizada podia ver que havia uma expressividade diferente – nova – de qualquer trabalho antigo.

Costumo brincar que tenho duas séries de autorretratos diferentes, os intencionais e os acidentais. Os intencionais foram aqueles feitos conscientemente, em que eu tinha plena noção do que queria como resultado, e assim o fiz. Os acidentais, por sua vez, surgem ao acaso, geralmente em momentos de distração, quando me encontro produzindo apenas pelo prazer de produzir, e meu rosto insiste em emergir no papel – normalmente por culpa da memória muscular.

Esta pintura faz parte do segundo grupo de autorretratos, aqueles que são felizes acidentes. Aqueles que geralmente revelam algo que nem eu percebi que estava sentindo. E ao observar ela hoje, depois de todo esse tempo, consigo notar como ela representava, com clareza, minha ansiedade.

2019



"Por enquanto, não posso nem mesmo ver um pincel, isto me deixa nervoso"

Cartas a Théo, Vincent Van Gogh (2015, p. 74)

Durante o início do ano de 2019 eu acreditava que estava com um caminho bem definido dentro da minha produção. Tinha feito grandes avanços técnicos, e tinha absoluta certeza que tinha resolvido completamente a questão da poética.

Entretanto, comecei a ter a sensação de que não estava evoluindo na maturidade das produções. Tudo que fazia, ainda tinha uma influência muito forte da menina insegura de 2016. E foi com essa incerteza do caminho que estava tomando que adentrei um grande bloqueio criativo.

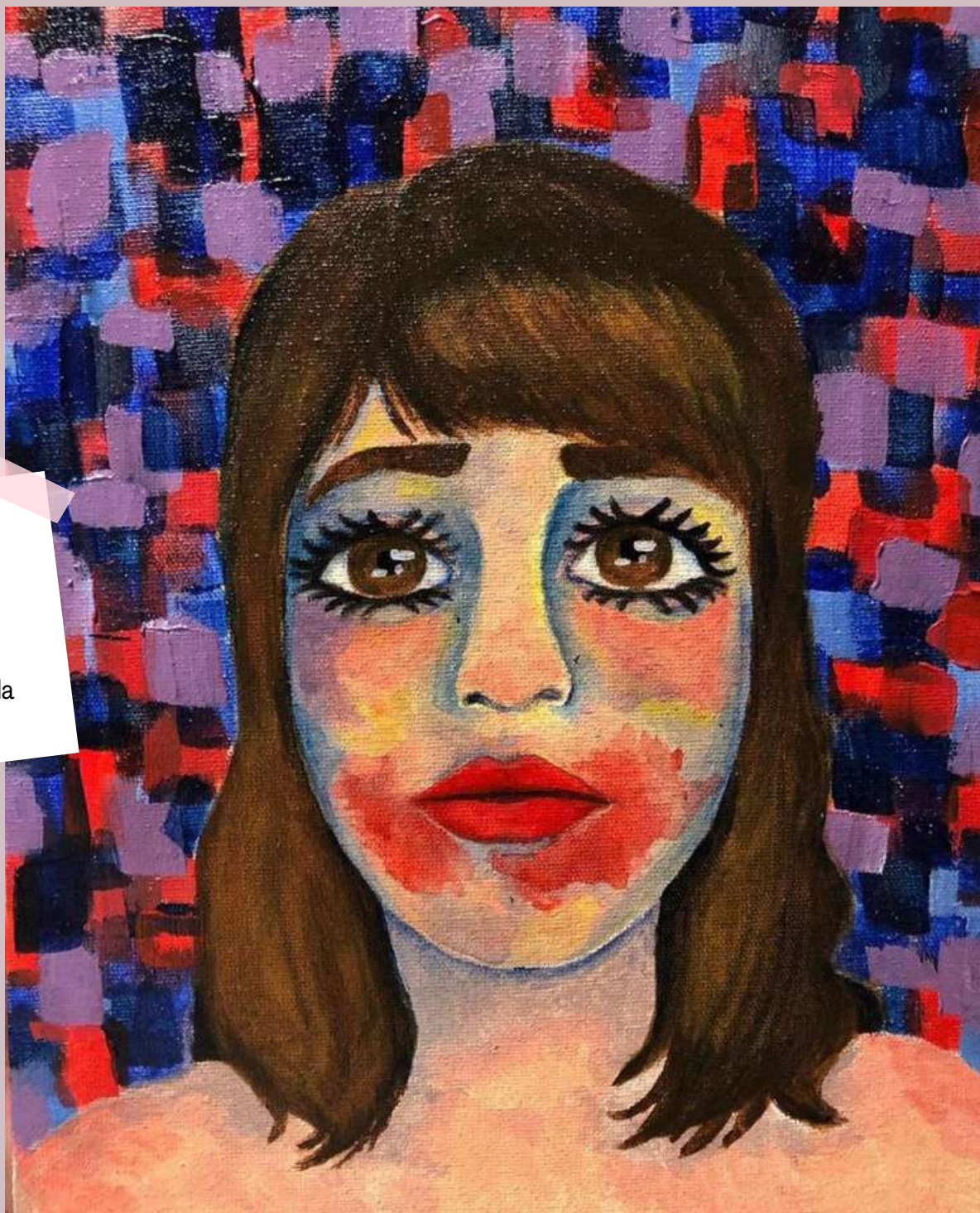
Tudo que tentava pintar parecia um plágio de mim mesma. Coincidiu que naquele momento estava cursando o 4º período do curso, e mais especificamente a disciplina de Pintura 3, na qual estávamos discutindo e investigando justamente sobre nossa poética. Então, Pintura que desde o início era minha disciplina favorita, se tornou a mais desgastante emocionalmente naquele momento.

Apesar de tudo, foi um momento extremamente enriquecedor para meu repertório artístico. Por conta das novas inseguranças com a repetição, me permiti explorar novos materiais, como guache e giz pastel oleoso, que mesmo que fossem de fácil acesso anteriormente, nunca haviam despertado muito interesse em mim, pois procurava sempre me manter na zona de conforto que a aquarela representava para mim.

Após muita incerteza, acredito que comecei a me entender com o papel em branco novamente. Mesmo que ainda não estivesse completamente resolvida com minha produção, eu tinha a impressão de estar um pouco mais certa do que estava fazendo. Agora tinha um rumo.



Imagem 10
Sem título
05/06/2019
Acrílica sobre tela



Essa tela marca um novo momento na minha produção, com maior conhecimento técnico dos materiais utilizados, e maior noção do que queria alcançar. Nesse momento dediquei-me inteiramente à pintura, pois estava conseguindo alcançar resultados que jamais havia imaginado. No período que a tela foi feita, estava cursando a disciplina de Pintura 2, e nela estávamos trabalhando com tinta acrílica, razão pela qual havia começado a me dedicar à técnica.

Por ter adquirido novos conhecimentos, tinha segurança para sair da zona de conforto sem tanto receio, e nessa tela decidi explorar isso. A pele foi trabalhada utilizando as cores primárias para dar noção de luz e sombra, além de ter dado um efeito mais 'orgânico' em suas manchas. Entretanto, no fundo optei por pinceladas mais 'duras' quase que geométricas, criando um forte contraste entre figura e fundo. A expressão, contudo, por mais que tenha melhorado durante todo esse percurso, ainda se encontrava 'travada', e em diversos momentos não conseguia materializar toda a expressividade que queria.

Imagem 11
Sem título
01/08/2019
Aquarela e lápis de cor
sobre papel



Estava finalmente livre da caneta nanquim para traçar contornos na hora de pintar com aquarela, porém ainda me escorava na possibilidade de enfatizar linhas e sombras com o lápis de cor; exatamente como aparece nessa pintura. Porém, aos poucos, vinha ganhando, cada vez mais, autonomia com o material para me ‘fazer entender’. Nessa aquarela podemos perceber a verticalização das linhas no fundo, que contrastam com a composição horizontal; além dessas duas ‘retas’ na pintura, pode-se ver as marcas do lápis de cor, funcionando quase como pinceladas, nas quais apresentam formas curvas, criando outro ponto de tensão em nossa visão.

A pintura, inicialmente, não carregava nenhum significado específico – nem buscava representar algo – era apenas uma mudança de composição como forma de prática. Contudo, mesmo que fosse eu na imagem de referência, jamais poderia prever a maneira que a pintura se ‘revelou’. Inconscientemente, se tornou uma confissão sobre a apatia que sentia, e os olhos que eram uma dificuldade, pareciam revelar algo – apesar de não saber exatamente o quê.

Imagem 12
Só
28/10/2019
Pastel oleoso sobre
papel



Passei a usar pastel oleoso, após a síndrome do impostor se instalar em mim. De repente, comecei a me sentir insegura com a aquarela, e parecia que eu estava fazendo constantemente 'mais do mesmo'. Tinha pouca experiência e nenhum refinamento no material, o que se tornou proveitoso, pois permitia que eu experimentasse com mais liberdade. Nessa produção, acabei voltando para a paleta que havia trabalhado tantas vezes, criando um contraste brusco entre o vermelho e o azul – entre o quente e o frio. Como contraposição, há a figura mais à frente, que tem cores mais suaves, linhas pouco definidas, quase desfocada. Era uma imagem nova, um material novo, uma abordagem nova, entretanto, naquele momento não conseguia enxergar isso; sentia-me presa dentro da minha própria cabeça, fadada a repetir os mesmos medos, inseguranças e traumas no papel.

2020



Em 2020 comecei com um bom ritmo de trabalho, na hora de pintar, era algo previamente pensado e sentia estar evoluindo, até que a quarentena começou.

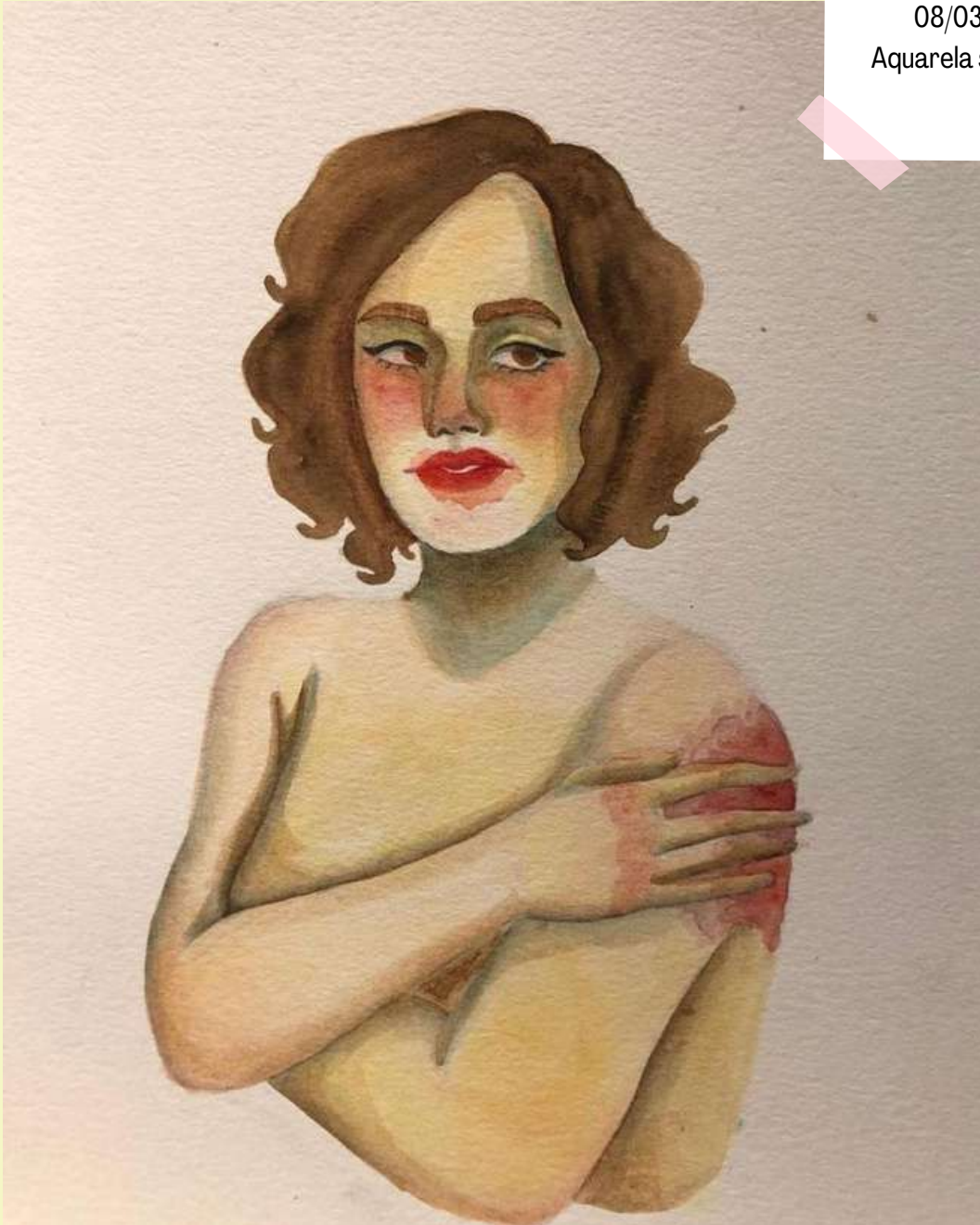
Agora, por novas incertezas e nova organização social, ao ficar em casa eu variava entre ler e pintar. Como consequência de toda reflexão - e ousar dizer reformulação - da minha forma de produzir, trouxe novos resultados para minhas produções, trabalhando com novas composições, abordagens diferentes para os materiais que eu já utilizava.

Além da produção - novamente - compulsiva, devido ao ócio, estava caminhando entre a linha tênue de incerteza em relação à qualidade daquilo que estava fazendo, ao mesmo tempo que era necessário para manter a sanidade naqueles momentos de lockdown.

Apesar de tudo, foi um ano relativamente bom. Mesmo com toda a insegurança da situação, encontrei conforto dentro do círculo familiar, e dentro de mim. Foi, principalmente, um momento de respiro do 'eu artista' com o mundo exterior, eu estava tão insegura depois de tudo que me forcei a passar em 2019, que foi proveitoso um momento sem críticas externas ao meu trabalho.



Imagem 13
Arisca
08/03/2020
Aquarela sobre papel



Estava voltando a ter alguma confiança com a aquarela, e estava voltando a pintar. Contudo, por ter passado um tempo sem utilizar o material, voltei a repetir alguns 'vícios', especialmente relacionados à densidade da tinta, e é perceptível nessa pintura como tudo é denso e quase linear. Enquanto estava redescobrimo o 'caminho de volta' para a zona de conforto artística, tentava também explorar questões pessoais. Especificamente nessa pintura, queria tentar compreender a reação que estava tendo ao toque, e como ele estava me machucando. Por muito tempo, procurei criar imagens para aquilo que sentia, para conseguir justificar aquilo, e nessa pintura não foi diferente.

O toque queimava, e isso me tornava arisca. Fosse pelo medo de me machucar novamente, fosse pela familiaridade daquilo – e como isso me assustava. De qualquer forma, é isto que essa pintura é, uma tentativa de entender – e externar – o que se passava internamente.

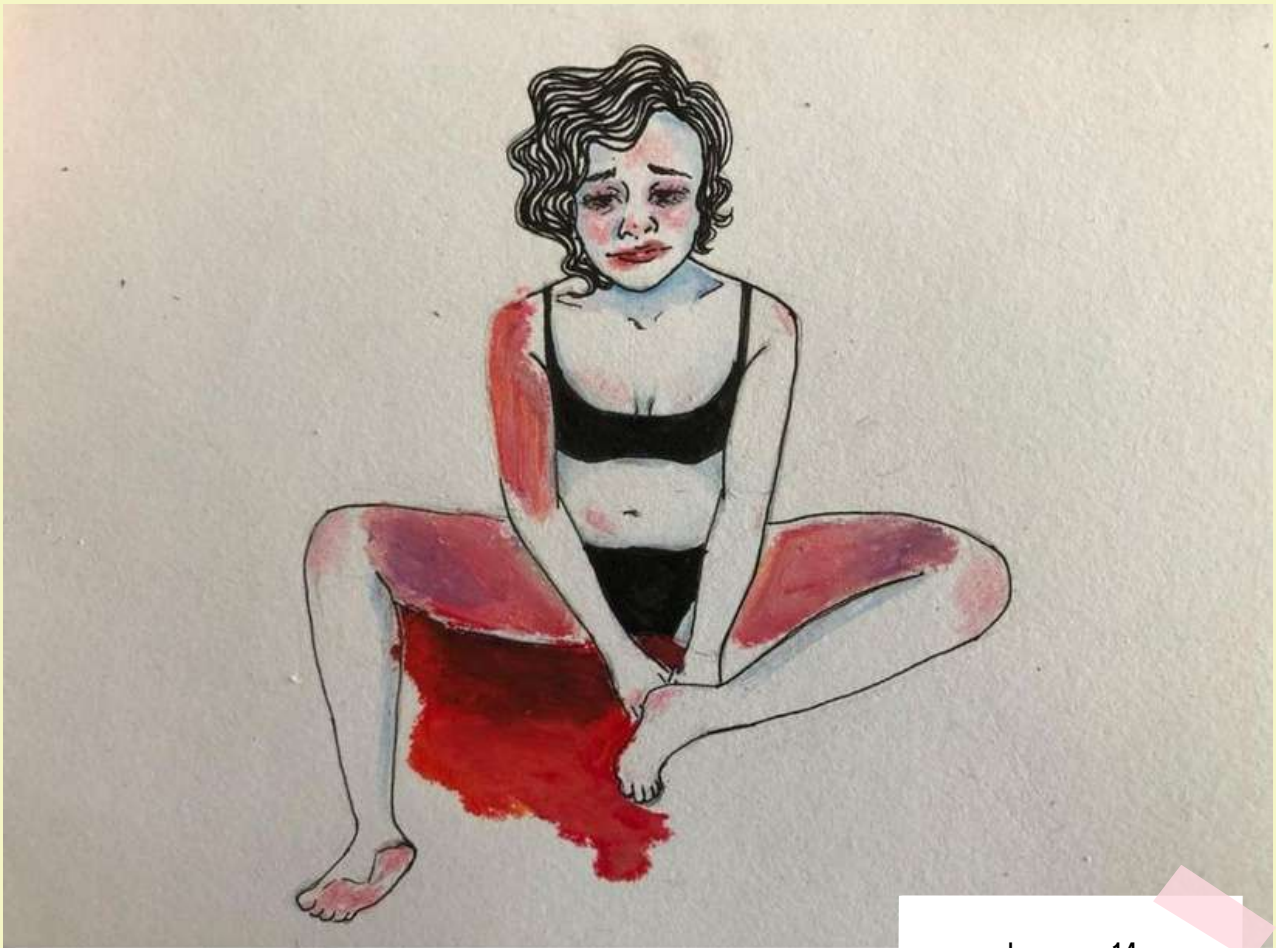


Imagem 14
*Por que eu tinha que
ser tão estragada?*
12/11/2020
Pastel oleoso e caneta
nanquim sobre papel

A imagem surgiu em meio a uma crise de pânico. Não lembro o que motivou, porém lembro vividamente de ao desenhá-la, sentir um aperto no peito; tanto que inicialmente pensei em fazer uma pintura com guache, mas não consegui me obrigar a lidar com a imagem por tanto tempo. Seu título, foi um pensamento intrusivo que surgiu no momento e não conseguia me livrar de forma alguma.

As manchas de pastel oleoso, em contraste com a precisão da caneta nanquim, causam certa estranheza, além das cores que consegui trazer, me remetem a hematomas e dor. O vermelho espalhado entre as pernas acaba nos remetendo ao sangue, mas nunca soube explicar exatamente o porquê de seu posicionamento na imagem. Por mais que toda a composição seja bastante dolorosa, é um trabalho que me traz certo orgulho de ter feito, pois me mostrou que enfim estava conseguindo fazer algo 'expressivo'.

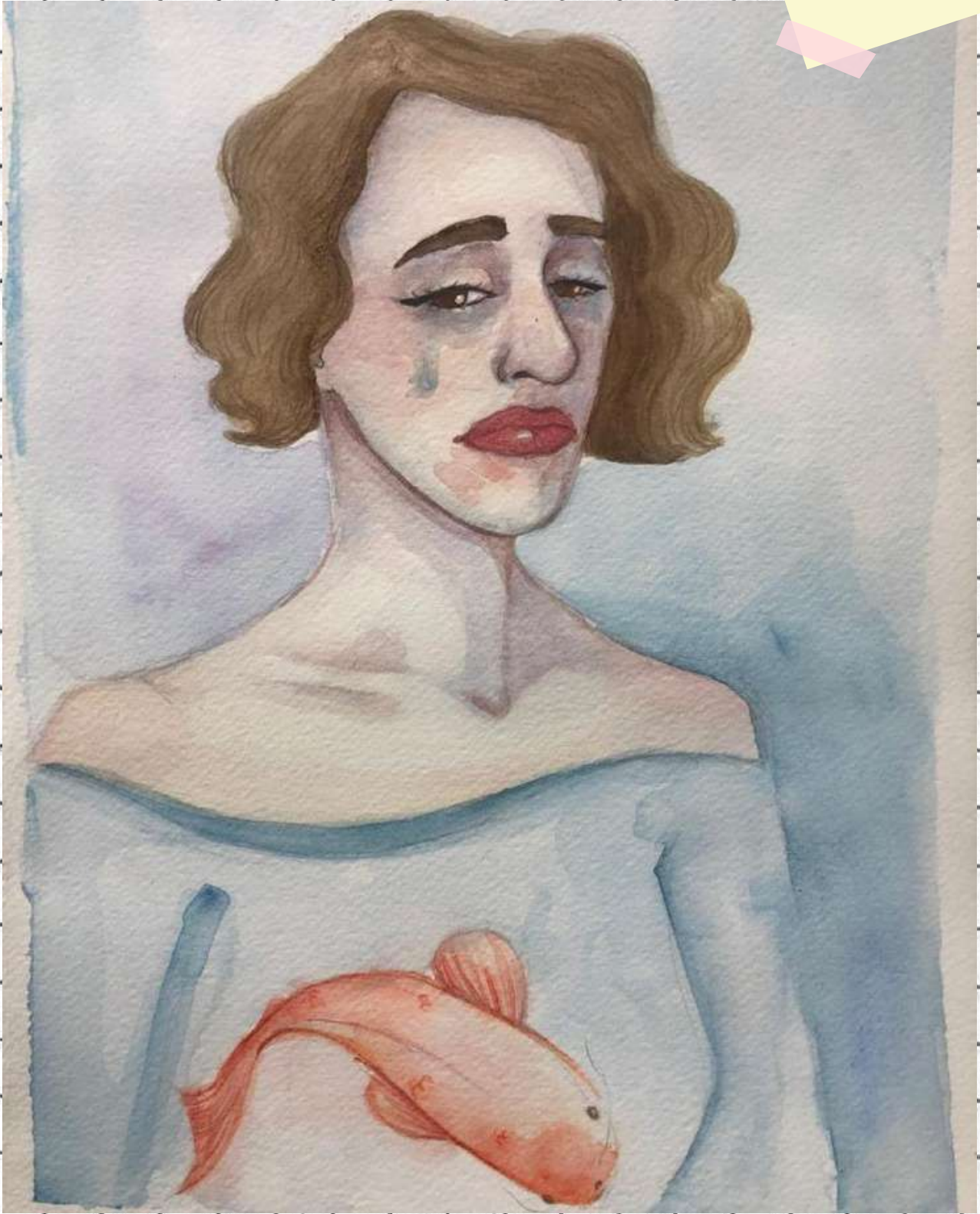
Imagem 15
*Todas as vezes que me
encontrei por aí*
16/07/2020
Aquarela sobre papel



Essa pintura foi meu caminho definitivo de volta para a aquarela. Compreendi onde eu queria chegar na diluição da tinta, além da composição que me orgulho bastante até hoje. Foi importante perceber como eu já me ‘encontrei’ muitas vezes entre os lápis e pincéis; e como isso foi relevante para a percepção de mim mesma.

No auge da quarentena, precisei reaprender a conviver comigo mesma, e por isso nessa composição brinquei que me encontrei – e me misturei – comigo diversas vezes, resultando em uma nova Beatriz. Não é por acaso que os pontos de convergência são mais saturados, nem a cor utilizada, pois nem sempre foi fácil me encontrar – confrontar – e esses momentos de autoconhecimento machucam. Não é fácil viver dentro de um cérebro ansioso, e por isso, os embates muitas vezes violentos dentro de mim.

2021



Comecei o ano mergulhada em experimentações. Explorando ao máximo os materiais que tinha em mãos, e que já tinha certa noção de sua instrumentalidade. Contudo, foi na aquarela que ganhei maior liberdade; passei a explorar diferentes formas de se trabalhar cor, lidando especialmente com uma menor saturação, além de brincar ainda mais com suas possibilidades de diluição.

Mesmo com o ano turbulento, especialmente pela correria dentro da faculdade para completar três períodos em apenas um ano, consegui me dedicar semanalmente à pintura. Caminhei com uma rotina equilibrada durante todo o ano, até o momento que machuquei meu joelho em uma aula de karatê. Passei aproximadamente 15 dias sem conseguir ficar em outra posição além de deitada em minha cama, e mais 30 dias sem conseguir me sentar confortavelmente por longos períodos, por isso, passei todo esse tempo sem manter uma rotina de desenho.

Foi um período bastante complicado, estava acostumada a ter uma vida ativa – e independente – quando de repente estava precisando de ajuda para ir ao banheiro. Por ser uma pessoa jovem, tive uma recuperação rápida, em exatos 44 dias eu estava retomando a academia, e com a promessa de que em um mês eu deveria retornar ao karatê. Entretanto, as dores no meu joelho, as novas dificuldades estabelecidas e a sensação de impotência me marcaram bastante.

Esse tempo ‘parada’, apesar de estressante, foi bastante produtivo para absorver novas referências, e entender como eu iria produzir a partir daquele novo momento. Havia quebrado minha rotina contínua de produção, e por mais que até o presente momento não tenha conseguido retomá-la como era anteriormente, precisei compreender meu ritmo a partir das novas demandas e desafios que surgiram.



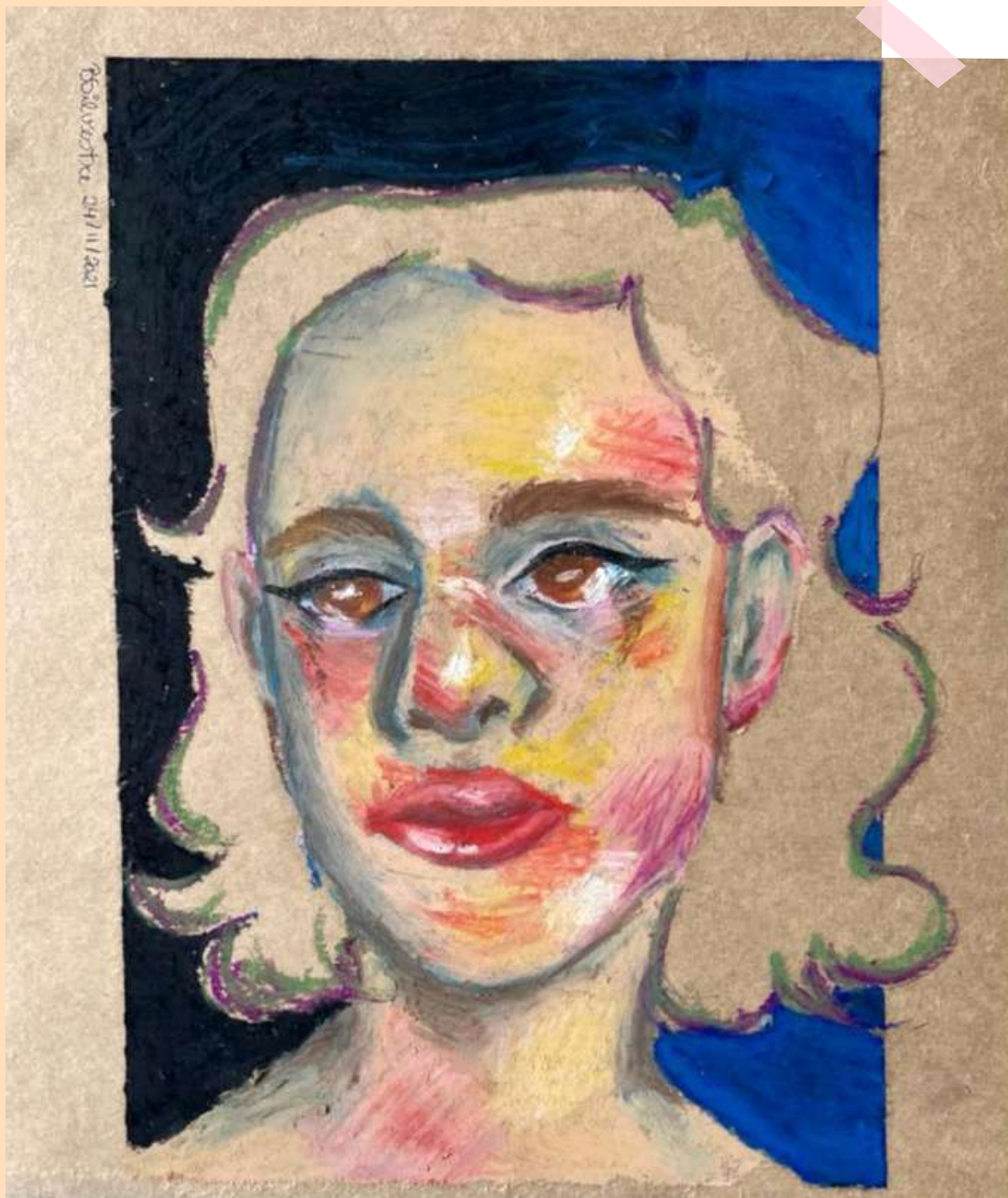
Imagem 16
Chateação
27/09/2021
Aquarela sobre papel



Foi nessa obra que eu percebi que eu sabia pintar, consegui alcançar as cores que eu havia imaginado, além de uma diluição aceitável. Fazia muito tempo que eu não ficava propriamente feliz com algum trabalho, e esse foi um novo ponto de virada.

Nessa pintura eu queria simplesmente expressar minha chateação. No geral, estava em um bom lugar – mentalmente – mas inúmeros inconvenientes facilmente me irritavam, e eu simplesmente queria colocar para fora. Além de estudar as possibilidades de deformação do rosto, que tinha despertado certo interesse, mas não havia desvendado como queria fazê-lo.

Imagem 17
Sem título
24/11/2021
Pastel oleoso sobre
papel kraft



Depois de 2019, giz pastel oleoso tornou-se um material que gosto de usar para 'rabiscar'. Normalmente são exatamente esses os resultados: rabiscos e esboços, porém em alguns momentos a falta de refinamento no meu trabalho com esse material é exatamente o que precisa para a obra funcionar. O que gosto do pastel é que ele me entrega uma expressividade que me lembra os desenhos da infância.

Esse autorretrato foi um daqueles autorretratos acidentais que havia mencionado anteriormente, e é justamente por essa coleção de acasos que ele funciona. Não há nada planejado nessa imagem, mas ela tem a capacidade de revelar mais sobre o interior do que inúmeras palavras. Esse desenho foi feito ao acaso, mas suas cores se misturam ao papel a criar algo diferente daquilo que já havia feito.

Imagem 18

*Me amariam mais se eu
não fosse quebrada?*

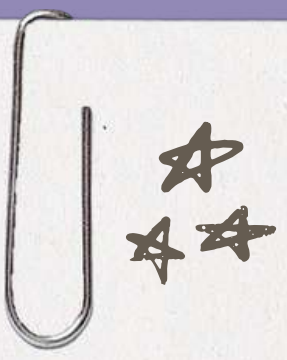
13/12/2021

Aquarela e lápis de cor
sobre papel



Essa aquarela também surgiu de uma crise de ansiedade. A pergunta que dá título martelava em minha cabeça de forma incessante, até o momento que a escrevi no papel. Depois de dias, encontrei o papel que escrevi aquilo, e a imagem logo se formou em minha mente, de forma que eu tinha a obrigação de realizá-la. Foi uma pintura feita com paciência ao longo de dias – algo que geralmente não acontece – e o resultado me surpreendeu; a profundidade do rosto, as cores, a forma como o olhar foi representado, não parecia que eu tinha capacidade de realizar aquilo. Foi como se a obra fosse expelida de mim, mesmo com esse processo de criação mais tranquilo.

Hoje, considero como um dos meus melhores trabalhos, tecnicamente falando, e também acredito ser uma das obras mais expressivas que consegui realizar. Infelizmente, a pergunta ainda volta em momentos de insegurança, porém a sensação que tenho é que por esse trabalho existir, dói menos do que poderia doer.



A partir da reflexão feita em cima de cada obra, foi possível evidenciar a sua forte relação com a memória, trazendo de forma prática aquilo que Gusdorf falou sobre a memória ser uma forma de retrato do que somos. Com este estudo, pude observar meu processo criativo de certa distância, e nesse momento foi possível assimilar a maneira como tudo está tão intimamente ligado à memória, e como utilizo o autorretrato como uma reafirmação de mim.

Por consequência de inúmeras questões, utilizei o desenho e pintura como uma forma de desabafo, com a finalidade de tentar compreender experiências, medos e inseguranças. Jacinto (2013, p. 59) em certo momento falou que “O pintor é despertado pelas coisas, no impulso que o leva ao ato de pintar”, e explicou de forma objetiva o sentimento que me movia a pintar – um impulso. A maneira que vinha trabalhando, durante o processo criativo, reverberou em inúmeros momentos da minha vida, pois como tudo estava interligado com memória, me permitiu encarar esses momentos sob uma nova perspectiva.

Conclusão



No início desta pesquisa foram levantados questionamentos acerca da minha produção, mais especificamente sobre os autorretratos, com o intuito de investigar sua presença durante o período de 2016 até 2021. Após mapear toda a minha produção, foi possível perceber como as autorrepresentações são uma constante. E ao analisar essas obras – individualmente e coletivamente – foi possível observar o modo que a produção de um autorretrato é em diversos momentos, empírico.

Uma das minhas principais intenções com este trabalho era, de fato, compreender o rumo que minha produção naturalmente foi tomando, e conseguir mapear os ‘locais’ em que ocorreram uma mudança brusca de estilo. Porém, nesta investigação, também consegui constatar como o autorretrato é, até certo ponto, uma linguagem fácil, no sentido que é acessível – tangível – mesmo quando não temos um aprendizado aprofundado no assunto.

Porém, para ter essa compreensão, tanto sobre o autorretrato, quanto sobre meu trabalho, foi necessário entender, a princípio, o caminho percorrido pelo próprio autorretrato ao longo da história da arte. Focando, em específico, no final do século XIX, no ocidente, pois devido às novas movimentações artísticas e à popularização da fotografia, houve uma mudança brusca na maneira como se entendia e como se produziam autorretratos.

A partir dessa nova configuração artística, foram vistos, com maior profundidade, os artistas Vincent Van Gogh e Edvard Munch, que além de terem grande importância para o tema, nesse contexto histórico, foram referências fundamentais em minha caminhada. Hoje em dia, Van Gogh é um dos nomes mais conhecidos dentro da história da arte, célebre por suas obras e também por sua história trágica, além de um autorretratista recorrente. Já Munch, ficou conhecido por sua obra ‘O grito’, que mesmo não sendo um autorretrato, pode ser interpretada como representação de si – uma autorrepresentação.

Diante dessas referências, o capítulo seguinte apresentou, então, a discussão sobre o que é autorretrato – e como seria possível relacionar esse limiar com minha produção artística a partir de 2016. O termo autorretrato se define como um retrato, uma imagem, que o artista faz de si mesmo, porém é uma explicação rasa, diante de tudo que este pode ser e representar. O autorretrato, tende a refletir interior do artista, e é em diversos momentos a afirmação deste na posição de criador de sua própria imagem.

Ao tornar possível essa relação entre a definição de autorretrato e minhas obras, ocorreu-me a percepção – quase que uma realização – do quão baseada na memória estava toda minha produção artística. Utilizei como inspiração e poder criativo registros diversos da memória, como Gusdorf havia dito, esta funciona como uma espécie de retrato do que somos, com as características do que éramos a compondo.

Experiências, medos, traumas, inseguranças... tudo se tornava um novo motivo para me debruçar sobre a folha em branco. Nesse sentido foi fundamental ter uma compreensão mais ampla do funcionamento do meu processo criativo, acompanhando esse período de cerca de seis anos para a partir dele se tornar possível a análise e reflexão acerca das produções que havia selecionado anteriormente.

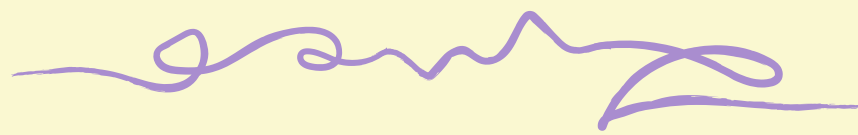


Dessa forma, ao analisar as obras escolhidas, percebi a tendência que tinha a repetir determinados elementos. O mais evidente dentre estas ‘repetições’ foram as cores, vermelhos e azuis marcam presença desde os primeiros momentos, e quando aos poucos fui ganhando maior domínio – e segurança – sobre a cor, foram introduzidos novos tons arroxeados ao papel. De acordo com Freud, “a repetição demanda o novo” (apud LACAN, 1979, p.62), e realmente foi algo que senti na prática, pois durante todo esse processo, em diversos momentos sentia que estava me repetindo – me tornando um plágio de mim mesma. E a partir disso, me cobrava uma mudança – uma inovação – pelo medo que tenho de estagnar. Em diversos momentos utilizei a arte como forma de me proteger – do mundo externo, e da minha própria cabeça – em função disso, desenvolvi um ritmo de produção frenético, até mesmo compulsivo, que me fazia pender para as repetições dentro da minha produção. Por isso, foi tão importante ter esse entendimento do meu processo criativo, para poder, enfim, compreender como escapar desse ciclo vicioso sem afetar o momento de produção artística.

A partir deste ponto na pesquisa, poderíamos seguir investigando a forma como a *modernidade* influencia na percepção que temos de nós como indivíduos, e de que maneira isso afeta a produção artística na atualidade – especialmente quando pensamos em autorretrato e autorrepresentação. Ao longo de toda a pesquisa, pude perceber como minha produção é parte integral de mim, de uma forma que eu ainda não havia percebido anteriormente. Por sempre ter me utilizado da arte como forma de expressão, foi interessante poder enxergar ‘de longe’ o meu crescimento e amadurecimento por meio do desenho e da pintura ao longo desses anos. E, principalmente, a maneira como essa autopercepção se modificou com o passar do tempo.



Referências



ABREU, Simone Rocha de. *Autorretrato: Inventando a si mesmo*. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2011/pdf/chtca/simone_rocha_de_abreu.pdf>. Acesso em: 18 Out. 2021.

BORTULUCCE, V. *O artista e o seu meio social: considerações acerca da pintura auto-retrato com cigarro de Edvard Munch*. Encontro de História da Arte, Campinas, SP, n. 4, 2008, pp. 88. Acesso em: 10 mar. 2022.

CANTON, Kátia. *Auto retrato espelho de artista*, Tese de Livre Docência, Escola de Comunicações e Artes/ Universidade de São Paulo (ECA- USP), 2002

CANTON, Kátia. *Novíssima arte brasileira: um guia de tendências*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

FALCÃO, Janáina. *O Auto-retrato como estratégia narrativa*. 17 Encontro Nacional da ANPAP - Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. Florianópolis, 2008. pp. 1768-79.

FARIA, Orlando da Rosa. *Autorrepresentação e arte contemporânea: identidade/alteridade-matérias e memórias*. 2020.

FERRAZ, João. *O Expressionismo, a Alemanha e a “Arte Degenerada”*. <CADUS. Revista de História, Política e Cultura, n. 1, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://colegiodearquitetos.com.br/wp-content/uploads/2017/03/23725-61310-1-SM.pdf>>. Acesso em: 22 Feb. 2022.

GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GOMPERTZ, Will. *Isso é arte?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

HERVOT, Brigitte Monique. *Georges Gusdorf e a autobiografia. Lettres Françaises*, n. 14, Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, 2013.

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL. Expressionismo. *Enciclopédia Itaú Cultural*. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3784/expressionismo?gclid=CjwKCAiAsNKQBhAPEiwAB-I5zQA4y4Q8G4hlqTGcVcsA8wvTwo1kipE7mUqleECfTF60HxaNDlyYXBoCTA0QAvD_BwE>. Acesso em: 22 Feb. 2022.

JACINTO, J. *Arder de mão*. repositorio.ul.pt, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8940>> Acesso em: 04 Mar. 2022

JARDIM, Hiáscara Alves Pereira ; IFES. A exteriorização da memória pessoal em Nazareth Pacheco. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S11/26encontro____JARDIM_Hi%C3%A1scara_Alves_Pereira.pdf>. Acesso em: 7 Mar. 2022.

JUNG, Carl Gustav. *O Espírito na Arte e Na Ciência*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 4^o edição. 2011

LACAN, Jacques. O Seminário: Livro 11 – Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MAIA, Denise Diniz. Vista do O retrato genial de Vincent van Gogh: | *Self - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo*, 2018. Disponível em: <<https://self.ijusp.org.br/self/article/view/36/171>>. Acesso em: 23 Feb. 2022.

MENDONÇA FILHO, Guilherme de Moraes. Entre curadoria e mediação cultural a partir da exposição 'Propágulo: Fotografia e Identidade'. Trabalho de Conclusão de Curso, orient. Profa. Dra. Maria Betânia e Silva. Recife: Licenciatura em Artes Visuais, CAC-UFPE, 2020. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/484600/783130/Tccs+2019+e+2021+Artes+Visuais/f46364c8-4186-4b29-bbe0-7ee4048df438>>. Acesso em: 9 maio 2022.

OLIVEIRA, Andréia Machado; RICHTER, Indira Zuhaira. Cartografia como metodologia: Uma experiência de pesquisa em Artes Visuais. Paralelo 31, n. 8, julho de 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/13292>>. Acesso em: 6 jan. 2022.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 187 p. Ilus.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; DA ESCÓSSIA, Liliane (org.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Editora Meridional, 2009.

PESSOA, Helena Gomes dos Reis. *Auto-Retrato - o espelho, as coisas*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2006.

RAMOS, José Artur. O Auto-Retrato como Consciência da Nossa Vida. *Philosophica: International Journal for the History of Philosophy*, v. 21, n. 42, p. 93–105, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24707/1/Artur%20Ramos%2093-105.pdf>>.

RAUEN, Roselene Maria; MOMOLI, Daniel Bruno. Imagens de si: o autorretrato como prática de construção da identidade. *Educação, Artes e Inclusão*, vol. 11, n. 1, Florianópolis, UDESC, 2015, pp. 51-73. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157/4614>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Theo*. 1 ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.